

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**EMPREENDEDORISMO COMO UM CAMINHO
PARA A INSERÇÃO SOCIAL**

DANIELA CERUTI CASTRO MACHADO

VILA VELHA
OUTUBRO / 2017

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

EMPREENDEDORISMO COMO UM CAMINHO
PARA A INSERÇÃO SOCIAL

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha - ES, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, para a obtenção do grau de Mestra em Sociologia Política.

DANIELA CERUTI CASTRO MACHADO

VILA VELHA
OUTUBRO / 2017

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

M149e Machado, Daniela Ceruti Castro.
Empreendedorismo como um caminho para a inserção social.
/ Daniela Ceruti Castro Machado – 2017.
68 f.: il.

Orientadora: Maria da Penha Smarzaró Siqueira.
Dissertação (mestrado em Sociologia Política)
Universidade Vila Velha, 2017.
Inclui bibliografias.

1. Sociologia Política. 2. Capitalismo. 3. Empreendedorismo
I. Siqueira, Maria da Penha Smarzaró. II. Universidade Vila
Velha. III. Título.

CDD 306.2

DANIELA CERUTI CASTRO MACHADO

**EMPREENDEDORISMO COMO UM CAMINHO PARA A INSERÇÃO
SOCIAL**

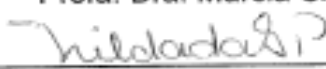
Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, para obtenção do grau de Mestra em Sociologia Política.

Aprovada em 06 de outubro de 2017.

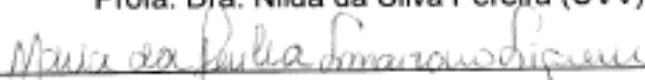
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Márcia Smarzaró Siqueira (UFES)



Profa. Dra. Nilda da Silva Pereira (UVV)



Profa. Dra. Maria da Penha Smarzaró Siqueira (UVV)
Orientadora

VILA VELHA
2017

Gostaria aqui de dedicar esse trabalho árduo, grandioso e cheio de expectativas a algumas pessoas, primeiramente a Deus e Nossa Senhora que sempre me deram luz, força e saúde para continuar, ao meu lindo esposo, Danilo Machado, que me apoiou direta e indiretamente em todo percurso, a minha linda filha Maria Eduarda que surgiu durante o mestrado e que se apropriou da minha vida, fazendo ter que dividir o tempo entre ela e as atividades acadêmicas e também a minha querida orientadora Maria da Penha, que nos momentos de mais dificuldades, onde eu pensava em desistir, ela estava lá para não me deixar sair desse caminho. Obrigada pelo carinho, apoio e dedicação neste momento único e especial!

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----------|
| Gráfico 1: Evolução da proporção do empreendedorismo por necessidade entre os empreendedores nascentes e novos - Brasil - 2010:2015 | 38 |
| Gráfico 2: Conhecimento do Tema Empreendedorismo antes do início do curso Técnico em Administração | 50 |
| Gráfico 3: Visão do empreendedorismo após o término do curso Técnico em Administração..... | 51 |
| Gráfico 4: Principais características do empreendedorismo | 55 |
| Gráfico 5: Capacidades empreendedoras proporcionadas pelo curso Técnico em Administração | 56 |
| Gráfico 6: Empreendedorismo como inserção no mercado de trabalho | 57 |

RESUMO

MACHADO, Daniela Ceruti Castro. Universidade Vila Velha – ES, agosto de 2017. **Empreendedorismo como um caminho para a inserção social.** Orientadora: Maria da Penha Smarzaró Siqueira.

O presente estudo é demonstrar como o empreendedorismo pode ser uma ferramenta para auxiliar no desenvolvimento da situação social e econômica de um país. Identificando como que essa cultura empreendedora pode disseminar a produtividade, o crescimento e a mudança gradativa dos indivíduos na sociedade. O capitalismo vivido por vários países vem impactando diretamente nesse processo empreendedor, onde as leis que regem a economia são movidas pelo mercado de trabalho e que desta forma, propicia ao Estado atuar apenas como responsável pelo interesse do capital visando à sustentação do mercado financeiro, não mais interferindo no processo produtivo de bens e serviços, sendo apenas parceiro neste processo. A amostra foi composta por 150 estudantes, que estão cursando o último semestre do curso Técnico em Administração, do Centro Estadual de Educação Técnica Vasco Coutinho. A metodologia foi descritiva, qualitativa e quantitativa, demonstrar como o empreendedorismo modificou a vida destes estudantes, mostrando as influências positivas e negativas deste aprendizado para o mercado de trabalho e para sua vida social, esse levantamento foi realizado através de um roteiro de entrevista de anamnese aplicada entender as questões acima citadas, sendo que a entrevista foi semiestruturada com perguntas mistas aplicadas. Os resultados apontaram os principais fatores sobre a disseminação do empreendedorismo com estes alunos: as condições da vida pessoal e profissional dos estudantes antes e depois do curso Técnico em Administração, o tipo de interação social que foi promovida por essa ferramenta, a necessidade do empreendedorismo para o desenvolvimento das pessoas, além do impacto social gerado por essa disseminação.

Palavras-chave: empreendedorismo, capitalismo, cultura empreendedora, desenvolvimento socioeconômico.

Title: Entrepreneurship as a way for social insertion.

ABSTRACT

The present study is to demonstrate how entrepreneurship can be a tool to assist in the development of a country's social and economic situation. Identifying how this entrepreneurial culture can disseminate productivity, growth and the gradual change of individuals in society. The capitalism experienced by several countries has a direct impact on this entrepreneurial process, where the laws governing the economy are driven by the labor market and, thus, it allows the State to act only as the person responsible for the capital interest in order to sustain the financial market. More interfering in the productive process of goods and services, being only partner in this process. The sample was composed of 150 students, who are attending the last semester of the Technical Course in Administration, of the State Center of Technical Education Vasco Coutinho. The methodology was descriptive, qualitative and quantitative, showing how entrepreneurship modified the lives of these students, showing the positive and negative influences of this learning for the job market and for their social life, this survey was carried out through an interview script of anamnesis. Applied the questions mentioned above, being that the interview was semi-structured with mixed questions applied. The results pointed out the main factors on the dissemination of entrepreneurship with these students: the personal and professional life conditions of the students before and after the Technical Administration course, the type of social interaction that was promoted by this tool, the need for entrepreneurship for the development of people, in addition to the social impact generated by this dissemination.

Key words: entrepreneurship, capitalism, entrepreneurial culture, socioeconomic development.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| 1. UMA COMPREENSÃO SOBRE O EMPREENDEDORISMO | 11 |
| 1.1 Definições e Conceitos | 11 |
| 1.2 Variações do Empreendedorismo | 15 |
| 2. Mudanças no mundo do trabalho a partir dos novos paradigmas do século XXI | 20 |
| 2.1 Novas políticas socioeconômicas e a crise do mercado de trabalho | 20 |
| 2.2 Novos paradigmas de trabalho | 23 |
| 3. EMPREENDEDORISMO: PERCEPÇÃO DE OPORTUNIDADES | 29 |
| 3.1 A cidade de Vitória no universo do mercado de trabalho | 29 |
| 3.2 Empreendedorismo como um novo desafio | 36 |
| 4. FORMAÇÃO TÉCNICA E EMPREENDEDORISMO..... | 41 |
| 4.1 As bases da formação técnica para o empreendedorismo: um entendimento no âmbito de uma política pública nacional..... | 41 |
| 4.2 Centro Estadual de Educação Técnica Vasco Coutinho e o Curso Técnico em Administração e os direcionamentos para iniciativas de empreendedorismo | 44 |
| 4.3 Uma amostragem de iniciativas de empreendedorismo pela via do Curso Técnico em Administração..... | 46 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 59 |
| ANEXO | 68 |

INTRODUÇÃO

O debate que norteia este trabalho fundamenta-se em considerar a importância do desenvolvimento do empreendedorismo neste mundo capitalista contemporâneo, promovendo mudanças pessoais e sociais destacando as relações que se estabelecem entre o empreendedor, sociedade e as políticas existentes.

Empreender deixou de ser uma atividade restrita à iniciativa privada, pois passou a englobar o Terceiro Setor e a Administração Pública, não perpassa mais apenas pela ideia de inovação, mas também das mudanças de integração social e do desenvolvimento da sociedade. É sabido também que o empreendedorismo não pode ser considerado “o milagre para a sociedade”, pois o Estado tem um papel extremamente relevante no desenvolvimento econômico e social da sociedade em amplas dimensões e não deve se apoiar nesta nova ferramenta metodológica de desenvolvimento de negócios como alternativa única de geração de empregos e renda para a população. O empreendedorismo deve ser sim, um meio, uma nova opção para esse sistema capitalista, que cada dia se torna mais exigente, rígido e excludente.

Esse tema tem uma significativa relevância na contemporaneidade brasileira, visto por um lado, como um instrumento inovador e emergente de transformação e integração socioeconômica, propulsor de redes econômicas e de desenvolvimento regional e local, no sentido de um alargamento de oportunidades no mundo dos novos paradigmas capitalistas. E por outro lado o empreendedorismo de oportunidades desponta como uma necessidade socioeconômica diante das dificuldades apresentadas pela dinâmica capitalista no âmbito das novas relações de produção e trabalho no mundo globalizado, e seus efeitos na reconfiguração das relações sociais. O termo chave “seja um empreendedor” desponta na dinâmica do capitalismo moderno aliado aos novos paradigmas da globalização que alargou as tendências do empreendedorismo, como uma necessidade diante dos desafios impostos pelo mundo do trabalho, cada vez mais competitivo, inovador e fragilizado. Ser um empreendedor passa a representar as oportunidades de sucesso profissional, como uma estratégia de inserção no mercado de trabalho. Neste sentido, a cultura do empreendedorismo, ganha um perfil ideológico no âmbito das relações do capitalismo contemporâneo onde prevalece o ideário neoliberal com todas suas implicações políticas, econômicas e sociais.

Partindo desses princípios é importante resgatar a visão de autores clássicos nas Ciências Sociais para entender como o empreendedorismo tornou-se uma nova ferramenta para a manutenção da sociedade no mundo capitalista.

No início do século XX, o economista e sociólogo Joseph Schumpeter, surge trazendo uma concepção acerca do que seria o empreendedor. Nesta concepção o empreendedor traduz aquele que combina capital e trabalho visando produtividade e mudanças socioeconômicas, criando novos produtos e serviços, criando um novo formato de organização, tornando um processo inovador no meio do desenvolvimento econômico de um país, pois a integração de todo esse processo, terá resultados na situação econômica da sociedade.

Schumpeter em sua obra “capitalismo, socialismo e democracia” (1984), apresenta como funciona a metodologia capitalista e como a ideologia liberal mudou o conceito de vida das pessoas na sociedade, pois a partir das mudanças econômicas e do aumento do processo produtivo, fez com que as pessoas tivessem acesso a uma diversidade de mercadorias, sendo proporcionado pelo processo de produção capitalista.

O autor debate ainda, que o empreendedorismo nasceu devido a uma necessidade imposta pelo capitalismo e liberalismo e que este homem de negócio e empreendedor representa a materialização destes ideais. Ressalta também, que a mercantilização de todas as coisas e atos humanos, é a partida para esse empreendedor, pois este seria o resultado lógico da evolução do desenvolvimento econômico do sistema capitalista.

“Desenvolvimento”, portanto, são as mudanças da vida econômica que não lhe forem impostas, mas que surjam de dentro, por sua própria iniciativa. Se concluir que não há tais mudanças emergindo na própria esfera econômica, e que o fenômeno que chamamos de desenvolvimento econômico é na prática baseado no fato de que os dados mudam e que a economia se adapta continuamente a eles, então diríamos que não há nenhum desenvolvimento econômico. Pretenderíamos com isso dizer que o desenvolvimento econômico não é um fenômeno a ser explicado economicamente, mas que a economia, em si mesma sem desenvolvimento, é arrastada pelas mudanças do mundo à sua volta, e que as causas e, portanto, a explicação do desenvolvimento deve ser procurada fora do grupo de fatos que são descritos pela teoria econômica (SCHUMPETER, 1997, p. 70).

Seguindo esse pressuposto apresentado por Schumpeter, todo processo de desenvolvimento interfere diretamente na indústria e no comércio, e não nas necessidades dos consumidores finais, significando que,

“[...] é o produtor que, via de regra, inicia a mudança econômica, e os consumidores são educados por ele, se necessário; são, por assim dizer, ensinados a querer coisas novas, ou coisas que diferem em um aspecto ou outro daqueles que tinham o hábito de usar” (SCHUMPETER, 1997, p. 48).

A visão capitalista do lucro passa a ser parte fundamental no desenvolvimento do empreendedorismo, em que quem consegue transformar uma necessidade em uma oportunidade, consegue reproduzir lucros e ganhar dinheiro.

No sentido da visão capitalista e das capacidades individuais provocadoras de rompimentos com padrões tradicionalmente, destacamos a concepção de Max Weber, que consegue trazer a discussão sobre o trabalho, as vocações e a religião, para debater o capitalismo moderno. Para Weber (2007) o “espírito do capitalismo” considerava os negócios como uma forma legítima de servir a Deus, ou seja, dinheiro, negócios e trabalho, ajudariam para alcançar a glória e a prosperidade. E esta ideologia propagada, também contribuiu para o desenvolvimento empreendedor nas pessoas, pois o capitalismo seleciona empreendimentos e trabalhadores, no sentido de que; necessitar e ganhar dinheiro são a expressão de virtude e eficiência apresentadas pelas vocações, pois segundo Weber (2007: p. 34),

“[...] tempo é dinheiro” (qualquer tempo em que não se está trabalhando custa o dinheiro que poderia ter sido ganho); crédito é dinheiro” (por seis pences por ano, pode-se fazer uso de centenas de pences); o dinheiro pode gerar dinheiro”(aquele que desperdiça uma coroa destrói tudo o que ela poderia ter produzido, uma grande quantidade de coroas).

O trabalho deve ser feito por uma vocação, sendo identificado por uma educação, assim, o fomento da força de trabalho seria mais fácil e objetiva, no entendimento do autor,

[...] o conceito de vocação se manifestou por aquilo que ele entende como o dogma central de todos os ramos do protestantismo, segundo o qual a única maneira de viver aceitável para Deus não estava na superação da moralidade secular pela ascese monástica, mas sim no cumprimento das tarefas “do século”, impostas ao indivíduo pela sua posição no mundo (WEBER, 2007, p. 53).

Nesta contemporaneidade do mundo do trabalho, podemos considerar essa “vocação”, como o desenvolvimento das competências e habilidades de um futuro trabalhador, onde o mesmo descobre o que quer e o que almeja e, a partir daí consegue aproveitá-la dentro do mercado. Neste exercício, o indivíduo consegue se desenvolver nas instâncias socioeconômicas, alcançando uma maior interação social, no sentido daquilo que Weber debatia em seus posicionamentos.

Na visão weberiana, é definido que o empresário que demonstra a capacidade de se livrar da tradição comum, um tipo de iluminismo liberal, e que está fadado ao sucesso, torna-se um típico ideal do empreendedor capitalista. No livro “A Ética protestante e o espírito do capitalismo” (2007), mostra que, o protestantismo afasta a presença da Igreja enquanto instituição, porém, influencia no processo econômico. É pelo protestantismo e pelos frutos do trabalho, que nasce a visão empreendedora que promove a descoberta de um novo mundo de negócios, onde acontece uma intensa relação comercial e, posteriormente o processo de industrialização. Assim, entendemos que na visão de Weber, com base na racionalidade socioeconômica do mundo moderno ocidental, o empreendedorismo desponta na dinâmica desta reordenação racional da sociedade capitalista. Neste sentido o empreendedorismo vai atuar como um instrumento de exercício para o crescimento individual e condutor de um processo maior de inclusão social.

Importante destacar que nesta visão dialética, o empreendedorismo não vai atuar como um instrumento alternativo de reprodução capitalista diante das crises do sistema produtivo, como uma solução salvadora da desestruturação do mundo do trabalho, pelo contrário, vai atuar de forma revolucionária, conduzindo o indivíduo a outro nível de sobrevivência na dinâmica da sociedade industrial. Sobre essa questão Bueno (2005: 25) diz que o trabalhador no estado de alienação, ou seja:

[...] o trabalhador alienado é escravo do sistema, enquanto o empreendedor é agente do sistema. O trabalhador desprovido do conhecimento e da consciência dentro da Sociedade Capitalista se aliena e o trabalhador provido de conhecimentos e consciente dentro da Sociedade Capitalista empreende e realiza o progresso econômico-social.

Na perspectiva de nossa abordagem buscamos destacar entendimentos que possam conduzir nossa contextualização no sentido da atual configuração do

capitalismo no contexto dos novos paradigmas globais, que envolvem uma dinâmica socioeconômica que domina e direciona os rumos da sociedade.

Tratando-se do estágio mais contemporâneo do desenvolvimento capitalista e as novas configurações do mundo do trabalho, nos referenciamos em Castel (2003) que aborda essa questão no âmbito das mudanças estruturais, trazendo uma ampla reflexão sobre o desemprego estrutural e as vulnerabilidades do mundo do trabalho aliadas às perdas dos direitos sociais. Na perspectiva do pensamento deste autor, esse processo promove um novo tipo de exclusão social tendo em vista, que o agravamento da crise da sociedade salarial desestruturou os eixos básicos da organização das relações sociais reproduzidas no mundo do trabalho. E o trabalho assalariado aliado às seguridades sociais se inclui nestes eixos de organização social. É na reconfiguração destes eixos que entendemos no debate de Castel (2003) o empreendedorismo como a grande tendência de possibilidades, frende ao enfrentamento do desemprego estrutural. A crítica perpassa pela lógica, de que, com base neste entendimento, o empreendedorismo desponta como uma alternativa decisória para superação da crise do trabalho, se o mercado não oferece oportunidades de emprego nos padrões mais tradicionais; “seja um empreendedor”.

Assim, aquela ideia do empreendedor como um agente de inovação e transformação, alargando horizontes tecnológicos e ou de serviços, rompendo com padrões tradicionais, fica desprotegida diante da urgente necessidade do empreendedorismo como um instrumento de reparação em situações de crises.

É no âmbito destas questões que buscamos desenvolver nosso tema em um suporte teórico e conceitual que corresponda de forma mais concreta aos objetivos formulados em nossa pesquisa.

Tratando-se do empreendedorismo como agente maior na abertura de oportunidades, pelo qual os indivíduos podem manifestar suas capacidades criativas e tendências de inovação, alcançando o *status* de empresários, mesmo no patamar de pequeno empreendedor, nosso olhar nesta pesquisa, sem desconsiderar o debate crítico, segue uma linha teórica conceitual mais próxima do pensamento de Schumpeter (1997). A base principal para nossa contextualização no sentido do

pensamento de Schumpeter assenta-se no entendimento de que o empreendedorismo age como um instrumento que causa impacto na economia, na dinâmica do universo econômico. Ou seja, o empreendedor representa aquele que coloca no mercado novas formas de organização, serviços e produtos que contribuem para o desenvolvimento econômico local.

Os estágios do capitalismo marcam direcionamentos distintos em determinados tempos sócio-históricos conjunturais e ou estruturais. A expansão das dimensões do capitalismo a partir das últimas décadas do século XX, estendendo-se ao século XXI, vai incorporar novas configurações sociais, econômicas e políticas em âmbito de tendências globais, impactando de forma radical países como o Brasil, que ainda se inclui nos paradigmas classificatórios dos países em desenvolvimento. A reestruturação da produção capitalista nos princípios políticos neoliberais e na lógica econômica contemporânea globalizada fez emergir no cenário socioeconômico internacional “[...] um novo mundo do trabalho e um novo perfil do trabalhador” (TEIXEIRA, 2014, p. 27) dentre outras configurações.

Nestes novos tempos, vivenciamos um momento delicado, um momento no qual o discurso dominante é o de que a sociedade civil organizada deve absorver para si os investimentos sociais que historicamente se incluem no âmbito das responsabilidades do Estado. Entretanto, diante da situação de fragilidade e incompetência administrativa do Estado, projetos direcionados para eliminar problemas básicos, não acontecem principalmente àqueles voltados para beneficiar pessoas de comunidades mais carentes e desprovidas de recursos materiais. Devido a estas e outras circunstâncias diversas, a sociedade vem tentando de maneira imperativa se organizar para buscar alternativas e soluções que possam amenizar os efeitos de alguns problemas que afetam a sobrevivência de um grupo muito elevado da população brasileira.

Desta forma, a sociedade civil organizada e as organizações não governamentais que desenvolvem trabalhos expressivos em comunidades pobres, associações de bairros, cooperativas e outros trabalhos individuais, representam os novos modelos de organizações civis na tentativa de apontar soluções para superação de situações críticas que até então seriam de responsabilidade do Estado, atuando como

empreendedores, seja em prol do bem comum, ou seja, para o bem próprio. Utilizando de estratégias voltadas para a inclusão de diversos trabalhadores marginalizados no processo da produção e reprodução do capital, essas formas de organização contribuem para a (re)inserção social mais justa de uma ampla parcela da população brasileira (CHIAVENATO, 2008)

É consenso entre autores neoliberais, que a contemporaneidade configura uma nova fase da sociedade capitalista, notadamente voltada para as situações financeiras, onde o conhecimento passa a ser base fundamental para o desenvolvimento econômico, humano e social, e que se não houver pessoas prontas frente a esse novo paradigma, as mesmas ficarão totalmente indefesas mediante as crises e oscilações de lucratividade do capital.

Neste cenário, destacamos a importância da implantação e do enraizamento do empreendedorismo no Brasil, mediante as adversidades que encontramos em relação a questões econômicas, sociais e ambientais, porém a questão também perpassa pelo entendimento, de que o processo empreendedor identifica diretamente trabalhos individuais em sua maioria, proporcionando sim uma complexidade crescente de melhora econômica e social, mas que acaba não atingindo totalmente a sociedade.

A sociedade contemporânea passa por transformações que seguem em ritmo contínuo e muito acelerado, sejam tecnológicas e ou sociais e os novos paradigmas do mundo do trabalho e dos negócios exigem um novo tipo de profissional com um perfil mais ágil, arrojado e inovador que possa atender às expectativas da competitividade. O fenômeno da globalização intensificou o cenário competitivo aumentando a necessidade de profissionais com espírito de empreendedor que possam romper com modelos tradicionais, inovando com implementação de negócios geradores de emprego e renda (DUARTE, 2010). Sobre essa questão Dornelas (2010, p. 20) diz que:

A essência do empreendedorismo hoje em dia é a busca de oportunidades inovadoras. Para isso, as pessoas não precisam ter um dom especial, como se no passado. Pelo contrário, qualquer pessoa pode aprender o que é ser um empreendedor de sucesso.

Dolabela (2003), compreendendo o empreendedorismo como uma ação transformadora que gera projetos que trazem respostas positivas para o empreendedor e para os outros, expressa que:

O empreendedorismo aborda a relação de oportunidade entre o indivíduo e o seu sonho, a sua visão, a sua ideia. Uma ideia, para ser viável, além de sua coerência com o ambiente externo, deve ser congruente com o indivíduo empreendedor; ao relacionar o resultado da atividade empreendedora aos sonhos, visões e desejos da sociedade e do empreendedor, o empreendedorismo pode ser visto como um instrumento auxiliar na construção da liberdade. (DOLABELA, 2003, p.2).

Na perspectiva deste debate o empreendedor é visto como um agente que incrementa o processo de desenvolvimento socioeconômico ampliando frentes de trabalho que possa gerar na sociedade, valores positivos de forma coletiva. Esse pensamento comunga com as ideias de Schumpeter (1997) quando este autor conceitua o empreendedorismo como um agente de desenvolvimento econômico que incrementa o mundo dos negócios, assimilando as mudanças tecnológicas, recriando ideias em negócios inovadores na dinâmica do mercado. Assim, assimilamos neste trabalho as noções neste autor quanto à compreensão do empreendedorismo como forma de inovação e inserção de novas estratégias de trabalho e de geração de empregos no universo do trabalho capitalista. Fato que nos conduz para a reflexão de que o empreendedorismo promove a inclusão social.

O debate constante do empreendedorismo, sempre apresenta conceitos que fazem com que as pessoas atuem isoladamente, tornando-se um ator econômico dentro do processo capitalista, mas que atinge as formas mais complexas, ou seja, o conjunto das relações sociais, as instituições, as organizações, as corporações, o mercado e conseqüentemente, o capital, atendendo assim, às necessidades globais do Estado.

Partindo destes pressupostos teóricos e conceituais, aqui discutidos, nossa pesquisa teve como objetivo desenvolver um estudo demonstrando como o empreendedorismo promove um dinamismo no mercado de trabalho, abrindo caminhos para o processo de inclusão econômica e social, tornando as pessoas mais produtivas e autossustentáveis e, como isso influencia na diminuição das desigualdades, ampliando o crescimento local.

No desenvolvimento do trabalho priorizamos o método histórico explicativo, buscando, através do entendimento de um determinado fenômeno, demonstrar uma realidade mais abrangente no sentido do nosso tema, ou seja, as iniciativas e ações empreendedoras como instrumentos de inovação, promotoras de geração de emprego e renda e de inclusão produtiva e, conseqüentemente um caminho para a diminuição das desigualdades sociais e econômicas. Para tanto, nossa pesquisa teve como base um levantamento bibliográfico geral e específico sobre o tema aliado às fontes primárias como leis, projetos e documentos institucionais, complementados por uma pesquisa empírica fundamentada no método de entrevistas e aplicação de questionário.

Neste encaminhamento metodológico, delimitamos duas abordagens: uma qualitativa e outra quantitativa. Na organização da abordagem qualitativa, desenvolvemos uma reflexão com base na pesquisa bibliográfica aliada à pesquisa de fontes primárias, para o entrelace das informações histórico-sociológicas na construção teórica e contextualização do tema em questão. A abordagem quantitativa partiu do levantamento de dados coletados em pesquisa de campo pela via da técnica de entrevistas e aplicação de questionários tendo como universo pesquisado os alunos do Curso Técnico em Administração, do Centro Estadual de Educação Técnica Vasco Coutinho. A pesquisa de campo contribuiu, também, na complementação das informações qualitativas, na medida em que demonstrou o perfil do aluno, suas necessidades socioeconômicas e a visão do empreendedorismo. Os dados obtidos possibilitaram uma fundamentação teórica mais precisa, em relação ao nosso objeto de estudo, reforçando a noção da necessidade de inclusão produtiva como diminuição das desigualdades socioeconômicas. Na organização metodológica da pesquisa, seguimos as referências técnicas com base em Marcone & Lakatos (2003) que nos conduziram para a organização da pesquisa, tanto no sentido da construção teórica e conceitual do nosso tema, quanto nos direcionamentos da pesquisa de campo realizada pela via de depoimentos de alunos, montada através do discurso do sujeito coletivo. Resultado que nos permitiu uma melhor interação ente a abordagem qualitativa e informações quantitativas.

Nossa metodologia constituiu os eixos para a construção desta dissertação, que teve

como objetivo discutir o empreendedorismo como um caminho para a inserção e mobilidade social. Para atingir nossos objetivos na contextualização de nosso tema, organizamos nosso trabalho em quatro capítulos, conforme descrevemos abaixo.

No primeiro capítulo, apresentamos uma breve discussão sobre conceitos e definições que permeiam o tema, seguido de uma abordagem sobre as variações do empreendedorismo. Aqui, procuramos abordar os conceitos e a importância do empreendedorismo na sociedade contemporânea e suas bases teóricas apoiadas em definições e na importância do empreendedor na dinâmica do desenvolvimento socioeconômico. As variações que despontam no contexto do empreendedorismo implementando oportunidades para novos negócios.

No segundo capítulo, abordamos as mudanças no mundo do trabalho a partir dos novos paradigmas do Século XXI, com foco nas novas tendências socioeconômicas e a crise do mercado de trabalho, buscamos situar o novo cenário do mundo do trabalho na perspectiva destas questões.

No terceiro capítulo, discutimos como é o universo do empreendedorismo na cidade de Vitória e quais são os desafios enfrentados para conseguir disseminar a cultura empreendedora.

E no quarto e último capítulo, abordamos a formação técnica e empreendedorismo, buscando discutir as bases da formação técnica para o empreendedorismo a luz de um entendimento no âmbito de uma política pública nacional. Apresentamos o Centro Estadual de Educação Técnica Vasco Coutinho e o Curso Técnico em Administração, eixo de nossa pesquisa de campo, bem como os direcionamentos para iniciativas de empreendedorismo. E por fim finalizamos o trabalho com a amostragem de iniciativas de empreendedorismo pela via do Curso Técnico em Administração do CEET - Vila Velha. Finalizamos apresentando as considerações finais, abordando os pontos mais relevantes da pesquisa.

1. UMA COMPREENSÃO SOBRE O EMPREENDEDORISMO

1.1 Definições e Conceitos

O Empreendedorismo, atualmente, é bastante discutido e disseminado entre as Instituições de Ensino nos programas de pesquisas, em políticas públicas de âmbito Federal, Estadual e Municipal e no meio empresarial, trabalhando com iniciativas de criar estratégias diversas para o seu crescimento e difusão da atuação do mesmo na sociedade.

Discutir o empreendedorismo é apresentar sobre como as pessoas possuem características de tomar iniciativa, solucionar problemas econômicos e sociais, criar inovações, dar valor a algo, sabendo lidar com situações de âmbito psíquico, social e econômico do dia a dia e recebendo em troca, sua satisfação pessoal e econômica.

O ato de empreender não significa apenas elaborar um plano de negócio, inventar um produto ou serviço ou produzir teorias, mas também, estabelecer maneiras de criar um elo entre ideias, conhecimentos, arte e filosofia.

Além disso, os empreendedores acabam tornando-se pesquisadores, pois transformam conhecimento em riquezas e conseqüentemente estabelecendo valores humanos e sociais e principalmente econômicos para a sociedade.

Em busca de melhoria de renda, produtividade e mercado de trabalho, é preciso falar de oportunidades somadas, onde podemos identificá-las através das pessoas empreendedoras e criativas, verificando sempre as perspectivas profissionais que irão surgir, visando desenvolver social e economicamente a sociedade em que vivemos.

Neste conjunto de ideias, é preciso ficar atento para se investir em uma profissão e em oportunidades existentes dentro da sociedade, que podem gerar negócios e desenvolvimento social, pois estão diretamente relacionadas, à oferta de emprego, à procura de trabalhadores e ao crescimento da economia e da sociedade. Para que essas oportunidades destacadas sejam alcançadas, é necessário um esforço por parte do governo, responsável em desenvolver políticas voltadas para o

desenvolvimento e o empreendedorismo, e também, do empresariado local, que são peças fundamentais para que o objetivo de ser um país desenvolvido seja atingido.

Na percepção de interação entre sociedade e o mercado de trabalho, o empreendedorismo colabora para o desenvolvimento social e econômico, pois para que o empreendedor consiga progredir é preciso ter uma maior apreensão dos novos paradigmas socioeconômicos estabelecidos no contexto da globalização, os princípios da competitividade, os avanços tecnológicos e as necessidades sociais.

De acordo com Dolabela (2003), o empreendedorismo abrange uma percepção muito ampla na trajetória do desenvolvimento das sociedades, considerando as atitudes empreendedoras mais simples, na medida em que o homem precisava superar obstáculos na devesa de sua sobrevivência. Podemos observar que o ato de empreender não é novo, não marca uma característica própria da modernidade, e sim acompanha o homem desde as ações inovadoras iniciais no sentido de aperfeiçoar as relações do homem com o seu próximo e com a natureza.

Definir e conceituar o empreendedorismo não representa uma construção simples, tem sido muito debatido entre os estudiosos, pois na contemporaneidade este tema desponta como algo considerado novo, já que o mesmo passou a ter uma grande relevância a partir do final do século XX e, principalmente nestas décadas iniciais do século XXI.

Na definição do termo “empreendedorismo” surgiu de uma tradução da palavra “*entreperneurship*” (empreendedor + ismo) e não é encontrada nos dicionários, pois sua origem vem da expressão de língua francesa “*entrepreneur*” que quer dizer “aquele que corre risco e começa algo novo” (DORNELAS, 2010, p.27). Para Gouveia (2006), o termo apresentado como sufixo “*ismo*” é responsável por disseminar a tendência do desenvolvimento do empreendedorismo:

[...] a busca por realização, liberdade de expressão, autonomia de trabalho, ausência de protecionismo, cada um por si, estímulo ao individualismo, inovação e desenvolvimento econômico através da geração de novas práticas, novas soluções; criação de redes de pequenas empresas, capacidade de transformar ideias em realidade; é a liberdade no autogerenciamento, a idealização do trabalho autônomo. (GOUVEIA, 2006, p. 31)

Dornelas (2010), ainda define que na história do empreendedorismo, o ato de empreender é correr riscos emocionais e físicos, ou seja, um aventureiro ao longo dos séculos.

O autor Peter Hisrich (2004), apresenta informações sobre o desenvolvimento da teoria do empreendedorismo e do termo empreendedor a que perpassa as últimas décadas, quando ele define o empreendedorismo como processo de criar algo diferente e com valor, dedicando o tempo e o esforço necessário, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação econômica e pessoal.

A abordagem do empreendedorismo está diretamente relacionada à área da administração, mas apesar desta ligação, Dolabela (1999) diz que, na contemporaneidade abarca ações como, a geração do trabalho autônomo, do empreendedorismo social (realizado por comunidades que empreendem), do intra-empendedorismo (o empregado empreendedor) e políticas públicas (políticas direcionadas a disseminação do empreendedorismo).

Entendemos que as transformações que ocorrem no processo de desenvolvimento econômico de forma global, vão dando novas definições ao empreendedorismo, que evolui nesta trajetória da dinâmica capitalista, que cada torna-se cada vez mais complexa.

E devido às mudanças de ações que estão ligadas ao empreendedorismo atualmente, a dinâmica de empreender torna-se cada vez mais uma estratégia de negócios objetivando abrir oportunidades criativas e inovadoras em um sentido mais amplo, que nos conceitos de Schumpeter (1984), inclui-se em uma estratégia maior, ou seja, uma visão holística do mundo dos negócios para desenvolver algo que possa contribuir de forma transformadora. Para este autor, que nos empresta seus conceitos na construção deste trabalho, o empreendedor promove algo novo, seja abrindo um novo tipo de negócio, uma nova forma de comercialização e ou uma nova organização produtiva, como iniciativas aliadas aos conceitos de inovação.

Ainda em termos conceituais aprendemos com Leite (2003) que o empreendedorismo representa um ato individual, ou a integração de pessoas e ou de organizações de trabalhos conjuntos, voltados para a implementação de ações inovadoras com capacidade de transformações socioeconômicas positivas.

No conceito de Drucker (2011) o empreendedorismo é uma visão de mercado, uma evolução, não se inclui no campo da ciência, é uma prática capaz de fazer os negócios se transformarem em algo inovador envolvendo instâncias de gerenciamento e de mercado.

Visto como um fenômeno complexo que envolve várias instancias socioeconômicas, Dolabela (1999) traz um entendimento no sentido de que o empreendedorismo envolve amplas formas de inovação que estejam associadas com a evolução e a prosperidade dos negócios.

São muitos os entendimentos conceituais relativos ao empreendedorismo e ao empreendedor, o que observamos neste estudo é que; o pensamento conceitual que estamos destacando, perpassa pelos mesmos princípios no sentido de ver o empreendedorismo como um agente fundamental para a dinâmica do mundo negócios, seja para a manutenção das relações sociais de trabalho ou para a prosperidade econômica e comercial dos empreendimentos.

O Empreendedorismo mostra a real necessidade de vincular o comprometimento social e seus valores à formação do cidadão, visando atender à necessidade do desenvolvimento social e econômico, as políticas sociais de redistribuição e geração de renda, e do crescimento da sociedade.

Outro fator que, também, colabora com o desenvolvimento econômico e social, sendo este também uma via de análise em nosso trabalho, é o processo de inclusão, ou seja, o crescimento econômico sustentável, que ajuda na redução das desigualdades sociais, fazendo com que o empreendedorismo, sirva de base essencial para a economia da inclusão produtiva na sociedade.

A atitude empreendedora faz com que os indivíduos atuantes consigam transformar contextos. E desta forma, o empreendedorismo resulta no encerramento de antigos conceitos, que por serem velhos não têm mais o poder de surpreender. A essência do conceito empreendedor está na mudança e na oportunidade de conquistá-la. Assim, o empreendedor vê o mundo visando sempre o sucesso e a conquista, com novos conceitos, com novas atitudes e propósitos, sendo um inovador de contextos. As atitudes esperadas do empreendedor serão sempre construtivas, pois para ele não existem apenas problemas, mas problemas e soluções.

1.2 Variações do Empreendedorismo

À medida que o empreendedorismo é disseminado na sociedade, surgem às variações dentro do seu contexto como, o intra-empendedor, que atua dentro de uma empresa, capturando e implementando oportunidades para novos negócios, o empreendedor por necessidades, atuante no mercado quando não existe alternativa, o empreendedorismo por oportunidade, atua na descoberta de uma nova oportunidade lucrativa, o empreendedor *startup*, que cria novas empresas e novos negócios e por último o empreendedor social, atuante em negócios voltados para ações sociais.

Todas as variações desenhadas dentro do contexto do empreendedorismo possuem as mesmas características, como apresentadas por Dornelas (2010) que define os empreendedores como, visionários, aqueles que sabem tomar decisões, são indivíduos que fazem a diferença, sabem explorar ao máximo as oportunidades, são determinados e dinâmicos, são dedicados, são otimistas e apaixonados pelo que fazem, são independentes e constroem o próprio destino, são líderes e formadores de equipes, são bem relacionados (*networking*), assumem riscos calculados e criam valor para a sociedade.

Dentre as variações debatidas do empreendedorismo, destacando-se o empreendedorismo corporativo que compreende o intra-empendedor ou o empreendedor interno, o empreendedorismo *startup*, aquele que articula e cria novos negócios e novas empresas e o empreendedorismo social que cria empreendimentos com missão social, que envolve pessoas que se destacam em

ambientes de trabalho independente do tipo de trabalho e tipos de instituições de trabalho. Na modalidade social, toma vulto a iniciativas individuais e ou de pequenos grupos, relacionada à abertura de tipos de negócios, tendo como eixo maior a necessidade de dinamizar um trabalho aliada à perspectiva de ganhos financeiros, iniciativas que têm crescido muito, principalmente entre os jovens que se empenham em abrir seu próprio negócio ainda muito cedo (DORNELAS, 2010).

Dentre estas modalidades, o empreendedorismo social, que compreende o foco de nossa abordagem neste trabalho, é considerado recente, e abarca uma abrangência em dimensão ampla, vai muito além de um empreendimento na busca de retorno financeiro, envolve uma rede de relações sociais entre comunidade, governo e setor privado. A visão desta nova abordagem mostra que o termo “empreender” passa a ter uma concepção, ou seja, uma nova visão do mundo, da sociedade e do ser humano, onde características visando à coletividade, cooperativismo e solidarismo passam a ser mais importantes para o desenvolvimento do empreendedorismo do que apenas ser uma ideia capitalista voltada apenas ao mundo dos negócios.

Essa nova visão do empreendedorismo significa ir além das perspectivas do sucesso individual, e passa a ser um processo integrador e coletivo. Para Fillion (2003), um empreendedor pode ser uma pessoa que desenvolve projetos sociais e comunitários em prol de um bem comum, desafiando o tempo e os recursos financeiros, não tratando apenas da abertura de uma empresa, mas sim desenvolvendo atitudes e comportamentos, visando à inclusão produtiva e uma sociedade melhor para todos.

O GEM - Global Entrepreneurship Monitor¹ (2015) em parceria com o SEBRAE, trabalha com uma nova concepção do empreendedorismo, desenvolvendo uma

¹ “A pesquisa GEM, é parte de um projeto Global Entrepreneurship Monitor com parceria entre a London Business School e o Babson College, iniciado em 1999 abrangendo dez países no primeiro ano de atuação. A partir da fase inicial, quase 100 países se associaram ao projeto, que constitui o maior estudo em andamento sobre empreendedorismo no mundo. O Brasil participa deste esforço desde 2000. A pesquisa é conduzida pelo Instituto Brasileiro de Qualidade (IBQP) e conta com o apoio técnico e financiamento do Sebrae”. Sebrae. Pesquisa GEM revela taxa de empreendedorismo no país. Sebrae Nacional. 2016. <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>.

nova atitude mais proativa perante o mundo e sociedade, onde o agir do empreendedor passa a ter valores como cidadania, compromisso, autonomia, participação, cooperação e responsabilidade social para assim conseguir desenvolver de forma sustentável o “capital social”. De acordo com Gouveia (2006), dentro do empreendedorismo, o capital social passa a ter três vertentes, confiança, reciprocidade e padrões de interação social como recursos que os indivíduos dispõem em suas relações.

O empreendedorismo social compreende características relacionadas ao desenvolvimento da economia solidária, ou seja, a combinação da produção comunitária de valores de uso com a produção mercantil, em que a empresa solidária atua no mercado como base capitalista. De acordo com Souza (2001), os empreendimentos baseados em economia solidária além de ter ganhos financeiros, conseguem desenvolver características de autoestima, de grupo produtivo, companheirismo e autonomia dentro da sociedade.

O que difere o empreendedorismo privado do social é: não produz bens e serviços apenas para vender e visar lucro, mas para solucionar problemas sociais, atuando em situações de risco social (exclusão social, pobreza, miséria, risco de vida). Nos paradigmas socioeconômicos que despontaram a partir do final do século XX, o empreendedorismo social apresenta-se como um conceito em desenvolvimento, mas com características, princípios e valores próprios, sinalizando diferenças entre uma gestão social tradicional e uma empreendedora. A atuação neste campo social, ajuda no processo para solucionar problemas de pobreza, desenvolvimento econômico e exclusão social. Essa derivação do empreendedorismo foi fortemente influenciada pela ação das empresas privadas no campo social e público, estabelecendo estratégias próprias, visando ações de grande impacto e mudanças efetivas dentro da sociedade de maneira socioeconômica e socioambiental (SOUZA, 2001).

Esta nova abordagem do empreendedorismo, engloba empresas que tem a missão de solucionar um problema social, são autossustentáveis financeiramente e não distribuem dividendos e surgiram no intuito de enfrentar as incertezas e

instabilidades do mercado em prol a desenvolver a sociedade e diminuindo os problemas sociais.

O Instituto Yunus Negócios Sociais (2016 p.1) apresenta que os benefícios da atuação do empreendedorismo social são:

1. Combina o melhor do business tradicional - dinamismo e eficiência -, com o melhor do setor público e filantrópico – consciência e solução de problemas sociais.
2. Não depende de doações. Ao contrário de ONGs ou de programas de governo, o negócio social é financeiramente autossustentável. Suas receitas cobrem seus custos.
3. Mexe com mais dimensões do ser humano do que apenas fazer dinheiro. Ao contrário do business tradicional, o negócio social não tem o objetivo de maximizar o valor para os acionistas.
4. Tem significado e propósito, sendo por isto altamente motivador e libertador de todo o potencial criativo humano, resultando em grandes inovações.
5. O dinheiro doado para uma ONG ou instituição filantrópica não retorna. O dinheiro investido em negócio social é retornado e pode ser investido em outro negócio social, depois em outro e em outro. O investimento em negócio social se recicla.
6. Trabalhar com negócio social é muito mais divertido do que trabalhar no business tradicional.

A aplicação do empreendedorismo social consiste não só a em estabelecer um modelo de gestão, mas também a relação das pessoas que serão envolvidas e vários segmentos da sociedade, eles realizam mudanças fundamentais na forma com que as coisas são feitas no setor social. Sendo uma ferramenta que estimula a integração, cooperação e auto sustentabilidade das empresas, seus gestores e dos serviços e produtos que oferecem, gerando desenvolvimento ao capital social.

Neste caminho de trabalho, acontece como ação, a visão socioambiental e de realização de negócios, que atingirão os dois pontos primordiais do empreendedorismo social: geração de impacto social e de valor econômico. Hoje, acontece um debate profundo sobre a definição do campo de atuação, pois envolve o papel do empreendedor social na economia e sua integração com a sociedade e as políticas públicas estabelecidas. (MANZONI, 2010).

Naigeborim (2011, p. 43) explica que utilizar ferramentas mercadológicas significa que [...] "estes negócios devem funcionar sob as mesmas regras comerciais de qualquer outro negócio, isto é, operar pela lei da oferta e demanda do mercado". Segundo a autora, o trabalho de impacto social tem a intenção de gerar os recursos suficientes para cobrir a sua produtividade e ainda contribuir para seu crescimento mercadológico. Mas, no negócio social "[...] o lucro não é um fim em si mesmo, mas

um meio para desenvolver soluções que ajudem a reduzir a pobreza, a desigualdade social e a degradação ambiental"(idem).

A atuação nos negócios sociais gera um impacto socioambiental, melhorando as condições de vida das populações de baixa renda e em estado de vulnerabilidade social, bem como garantir a preservação do meio-ambiente, pois a sociedade nos dias atuais sofre com despesas que não seriam necessárias em relação à dificuldade de acesso a serviços públicos de qualidade, também, colabora na diminuição da vulnerabilidade social que está relacionada à exposição da sociedade ao risco de doenças, desemprego, morte, pobreza extrema, violência, drogas e contaminação ambiental, além de contribuir para um aumento da renda per capita das famílias, que vai além da geração de renda e empregos, ao acesso à moradia, serviços de saúde e educação de qualidade.

2. MUDANÇAS NO MUNDO DO TRABALHO A PARTIR DOS NOVOS PARADIGMAS DO SÉCULO XXI

2.1 Novas políticas socioeconômicas e a crise do mercado de trabalho

O mundo do trabalho, atualmente, sofre intervenções na área econômica baseadas no processo de globalização e das políticas neoliberais, destacando e reproduzindo um novo formato produtivo e social, desregulamentando os direitos dos trabalhadores, e conseqüentemente, gerando uma nova estrutura de trabalho e readaptações nas relações do trabalhador com o mercado. Essas mudanças surgem devido a uma reestruturação do capital, baseadas na globalização, no aumento de consumo, no crescimento tecnológico produtivo e na grande competitividade, trazendo consigo uma liberdade econômica ordenada para o mercado e maior flexibilidade no processo produtivo, marcando desta forma, a transformação da sociedade do trabalho para uma sociedade organizada nos princípios do ideário neoliberal. Cenário, em que prevalece uma vertente atuante no campo social e político, integrada ao mercado, sem a intervenção direta do Estado (ALBUQUERQUE, 2007).

A atuação neoliberalista nos dias de hoje, se direciona no sentido de combate à autonomia de decisão do Estado, visando o seu enfraquecimento, mostrando a ineficácia da burocracia, entretanto ainda está muito distante de expressar uma maior representação dos interesses gerais da sociedade. No Brasil, as iniciativas públicas representam prioritariamente ações de interesses individuais, desprivilegiando as ações voltadas para a coletividade visando suas necessidades em longo prazo. Prevalece também a desarticulação entre os mecanismos que possam promover resultados positivos e mais produtivos em prol do bem comum.

Friedman, em seu livro *Capitalismo e Liberdade* (1984), sempre se mostrou contra a regulamentação que coagisse as empresas e condenou o salário mínimo como garantia de renda ao trabalhador, pois desta forma, o valor da mão-de-obra do trabalhador seria delimitada e seria pouco qualificada.

Friedman (1984) ainda aborda que os altos impostos e os excessos de tributos, juntamente com a regulamentação das atividades econômicas, são os culpados pela

queda da produção e por situações de problemas financeiros que o mercado pode enfrentar. E que para o mercado conseguir atuar é necessário que o Estado não atrapalhe sua produtividade, contribuindo com a diminuição dos tributos e privatizando empresas estatais. O autor, ainda, anula a atuação dos sindicatos, no entendimento de que, assim, poderá prevalecer uma política mais justa e firme, como forma de criações de empregos.

Desta forma, o papel do Estado no mundo globalizado é de estabelecer e promover condições para que o mercado tenha força para competir com outros mercados. No entendimento de Caslells (2000), o final do século XX marcou uma nova etapa do desenvolvimento capitalista, os paradigmas são outros, alterando os princípios do modelo econômico até então predominante, em função da nova interação dos mercados mundiais. E, na nova dinâmica do mundo globalizado, os direcionamentos das ações do Estado ganham fundamental importância no sentido de ordenar e prover as condições estruturais, conduzindo a economia para um melhor e maior desempenho nas esferas competitivas do mercado mundial. Não cabe mais a intervenção estatal na economia para proteger o desenvolvimento.

Caslells, ainda ressalta que na implementação da política neoliberalista e condução deste modelo neoliberal,

A desregulamentação dos mercados e a privatização das empresas estatais são pré-requisitos para o crescimento econômico, sendo que os Estados devem direcionar políticas para o aumento da competitividade coletiva das empresas sob sua jurisdição e da qualidade dos fatores de produção em seus territórios. (CASTELLS, 2000, p. 108-9).

Com a política neoliberalista, o mercado passa a ser responsável pelas relações trabalhistas e pelo desenvolvimento socioeconômico local, eximindo o Estado das obrigações de controle do mercado. A partir desta ação estratégica, o mercado privado passa a ter autonomia sobre ele mesmo, trazendo mais eficiência no seu desenvolvimento. Entretanto, para esse autor, os impactos deste revigoramento do ideário liberal, principalmente aqueles diretos no crescimento econômico, dependem da capacidade real das medidas adotadas “e de sua conexão com estratégias de intervenção positiva, tais como políticas tecnológicas e educacionais que aumentam

os recursos e talentos do país no âmbito da população informacional” (CASTELLS, 2000, p. 108-9).

A partir desta concepção, o mercado capitalista consegue se destacar e estreita relação em uma escala global com mercados internacionais, ampliando o processo de globalização.

Castells (2000, p.129) demonstra que a globalização se traduz na “diferenciação de crescimento econômico, capacidade tecnológica e condições sociais entre as áreas do mundo, entre países, nos países e até nas regiões”. Isso acontece devido à produtividade e a competitividade que estabelece a movimentação socioeconômica da capacidade para gerar, processar e aplicar a informação com base no conhecimento, gerando assim, o consumo, crescimento social e a circulação econômica de maneira global.

Desta forma, as regras relacionadas às políticas públicas de âmbito financeiro relacionado à tributação e infraestrutura, e outros aspectos da política econômica passam a sofrer a influência dos interesses dos grandes empresários locais e internacionais. No decorrer dos anos, o processo do neoliberalismo ainda tem sua força, mesmo de forma um pouco mascarada, mas ainda atuando como crítica a ações governamentais do Estado, em relação a questões diversas e defendendo classes sociais variadas. Assim, a visão liberal, a reforma do Estado, a globalização do capital, faz com que o mercado de trabalho, reflita diretamente nas mudanças que vem ocorrendo em relação ao trabalhador e sua autonomia, as competitivas remunerações oferecidas e as diversas opções de trabalho que vem surgindo, fazendo com que as políticas voltadas para o mercado atualmente, visem no processo de integração, identificando os interesses empresariais, dos trabalhadores, e de âmbito econômico e social (LASTRES; ALBAGLI, 1999).

A contextualização utilizada por Friedman (1984) pode ser considerada bem atual se colocarmos as situações caracterizadas nos dias atuais, pois o cenário de instabilidade financeira do mercado fragiliza a dinâmica econômica, e essa fragilidade aliada à instabilidade do mercado, agrava e intensifica as tendências de

surgimento das diversas formas de informalidade de trabalho (trabalhadores por conta própria ou trabalhador assalariado sem registro em carteira, dentre outras).

Por isso, enfatizamos o quanto o empreendedorismo não atrai apenas os excluídos sociais (desempregados / trabalhadores informais), mas também os trabalhadores dos subempregos. Pois, mesmo os empregos criados a partir da ideologia neoliberal, já havia sido criada formas precárias, mediante a flexibilização do tempo de trabalho (jornada de trabalho), da remuneração, das espécies de contratação, da alocação do trabalho, fazendo assim, a necessidade do surgimento de novos meios de trabalho.

Nesta contextualização, reforçamos as bases de nosso debate teórico sobre o empreendedorismo, no sentido do pensamento de Schumpeter (1984; 1997), entendendo que esse instrumento atua na materialização de iniciativas empreendedoras que provocam impactos na economia, implementando uma rede de negócios geradores de emprego e renda. Ações que contribuem para o desenvolvimento econômico local, bem como para o alargamento das possibilidades de inclusão social e econômica.

2.2 Novos paradigmas de trabalho

O debate sobre o trabalho atualmente, está ligado diretamente ao empreendedorismo, pois através dele conseguimos ver a real necessidade de vincular o comprometimento social e seus valores à formação do cidadão, visando atender à necessidade do desenvolvimento social e econômico, as políticas sociais de redistribuição e geração de renda, e do crescimento da sociedade.

Nas cidades onde os empreendedores são estimulados a abrir e formalizar o seu negócio, ou seja, o seu trabalho, o resultado natural é o aumento da base de contribuintes, levando ao aumento da arrecadação de impostos diretos e indiretos. Portanto, são as microempresas e os pequenos negócios que movimentam a economia local. Sendo assim, criar condições para que se fortaleçam e gerem mais emprego e renda é o melhor caminho para gerar um ciclo de prosperidade no município.

A sociedade e o mundo vêm se modificando aceleradamente, como consequência da globalização, dando origem aos blocos econômicos provocando uma abertura de mercados, tornando-os mais competitivos e trazendo mudanças políticas e conseqüentemente mudanças no mercado de trabalho. A globalização e o capitalismo desenfreado contribuem para as mudanças gradativas do mercado de trabalho. Chesnais (1995) debate que a eliminação de postos de trabalho decorre tanto da introdução de novas tecnologias, quanto, na mesma intensidade, da liberdade de ação que o capital passou a ter, para investir e desinvestir como e onde queira. E que em relação aos investimentos, o processo de globalização exerce forte pressão no sentido de diminuir os salários e os preços das matérias-primas, a fim de restabelecer a rentabilidade dos investimentos.

Diante dessas transformações no mercado de trabalho, Castel (1998) afirma que, nos novos paradigmas do mundo do trabalho, há uma nova questão social que se destaca a partir do enfraquecimento da condição salarial. A problemática do emprego se manifesta no desemprego e na precarização do trabalho como consequência da reestruturação industrial e da competitividade. Com a estrutura da relação salarial fragilizada, os vínculos de proteção social foram desestabilizados e assistimos à precarização do trabalho no âmbito das novas configurações da sociedade moderna e globalizada que marcou o final do século XX e início deste século. Sobre a questão social e a fragmentação do mundo do trabalho, SIQUEIRA, M.S (2006, p. 43) diz o seguinte:

O debate sobre a questão social hoje é colocado a partir do processo de globalização que marca, nas diferentes sociedades de nossa época, um conjunto de transformações que vem ocorrendo, especialmente, no mundo do trabalho. É, fundamental, um debate sobre a produção e a distribuição da riqueza, que diz respeito à erosão dos sistemas de proteção social, à vulnerabilidade das relações sociais e ao questionamento da intervenção estatal.

Esse pensamento a autora, parte da compreensão da abordagem de Castel, referente à sociedade salarial e suas fraturas estruturais. A precarização do mundo do trabalho mudou os paradigmas da questão social, atingindo distintas classes sociais, afetando com maior impacto os trabalhadores com menor grau de escolaridade e de qualificação (SIQUEIRA, 2006).

A precarização do mundo do trabalho aliada ao amplo processo de desemprego estrutural nesta contemporaneidade, geraram a incerteza relativa às possibilidades de inserção social pela retomada do emprego formal. Neste contexto, a economia empreendedora pela via, principalmente, de pequenas e médias empresas, desponta, não como uma salvação para o problema da precariedade do mercado de trabalho, e sim, principalmente como um dos principais eixos promotores de crescimento das economias contemporâneas, como também, um importante mecanismo de inserção e de integração social dos indivíduos no mundo do trabalho, movidos pelas oportunidades, princípio compatível com os conceitos de Schumpeter (1984; 1997).

De acordo um estudo comparativo feito pelo banco Credit Suisse² (2016) que serviu de base para dados do IBGE³ (2016), apresentou resultados muito expressivos referentes às taxas de desemprego revelando que o Brasil está entre os recordistas globais nas taxas do desemprego. O levantamento indica que o Brasil tem a sexta maior taxa de desemprego ampliado entre 31 países desenvolvidos e emergentes que foram avaliados. Num comparativo com os outros países, a taxa de desemprego do Brasil está bem acima da média dos países analisados, que é de 16,1%. Também fica acima da taxa de países com renda comparável a do Brasil, como México (18,3%) e Turquia (15,9%). O Brasil está atrás apenas de países profundamente afetados pela crise internacional: Grécia (o recordista, com 31,2% de desemprego ampliado), Espanha (29,75%), Itália (24,6%), Croácia (24,6%) e Chipre (23,8%) (BOFF, 2017).

Assim, entendemos que nesse turbilhão de problemas em relação ao mercado de trabalho brasileiro, um fator que colabora com o desenvolvimento econômico e social, são as iniciativas de Empreendedorismo, que além de representarem um

² O Credit Suisse é um banco global sediado em Zurique. A estratégia do Credit Suisse é atuar no mercado com uma estrutura de negócios integrada e centrada no cliente. O Credit Suisse atua no Brasil com Private Banking & Wealth Management, Asset Management; operações de crédito, emissão de ações e títulos, abertura de capital (IPO), fusões e aquisições de empresas (M&A), corretagem, tesouraria. Ver: www.ttps://br.credit-suisse.com.

³ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE se constitui no principal provedor de dados e informações do País, que atendem às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal. Ver: <https://www.ibge.gov.br/institucional/o-ibge.html>

processo de inclusão, representam também, um forte incentivador do crescimento econômico sustentável, que ajuda na redução das desigualdades sociais, e na inclusão produtiva da sociedade. Este tema já vem sendo discutido dentro da sociologia de forma indireta, com autores clássicos que citam o trabalho versus lucros, ou seja, a importância do dinheiro como forma de liberdade, ou sobre o capitalismo e suas formas de atuações, ou ainda, sobre a divisão do trabalho social e a transformação do dinheiro em capital. Todas essas abordagens apresentam de certa forma, características empreendedoras, claro que, cada uma de acordo com o momento histórico e econômico de sua época, mas que influenciaram diretamente ao tipo de Empreendedorismo que procuramos hoje na sociedade e que contribuir para o desenvolvimento econômico e social.

O empreendedorismo de certa forma perpassa por estes mecanismos no sentido de que as inovações que surgem através das iniciativas empreendedoras dinamizam o sistema econômico e impulsionam a dinâmica do modelo de produção capitalista, como uma necessidade de produção e reprodução de novos lucros, principalmente, tratando-se de grandes ações de empreendedorismo no novo universo da economia globalizada.

A visão capitalista do lucro passa a ser parte fundamental no desenvolvimento do empreendedorismo, onde quem consegue transformar uma necessidade em uma oportunidade, consegue reproduzir lucros e ganhar dinheiro.

Como descrito por Dolabela (2003), os empreendedores de sucesso acabam tornando-se pesquisadores, pois transformam conhecimento em riquezas e conseqüentemente estabelecendo valores humanos e sociais e principalmente econômicos para a sociedade. Em busca de melhoria de renda, produtividade e mercado de trabalho, é preciso falar de oportunidades somadas, em que podemos identificá-las através das pessoas empreendedoras e criativas, verificando sempre as perspectivas profissionais que surgirão, visando desenvolver, social e economicamente, a sociedade em que vivemos.

Na dinâmica do sistema capitalista e na interação entre sociedade e o mercado de trabalho, o empreendedorismo colabora para o desenvolvimento social e econômico,

pois para que o empreendedor consiga progredir é preciso ter uma maior apreensão dos novos paradigmas socioeconômicos estabelecidos no contexto da história da globalização e do desenvolvimento do capitalismo, os princípios da competitividade e as necessidades da sociedade.

O mercado de trabalho e as empresas passam por um processo de reestruturação devido à globalização, as crises econômicas e os avanços tecnológicos, e com isso, fez com que acontecesse uma mudança em relação ao trabalho, fazendo com que várias ocupações acabassem e outras novas surgissem. O emprego industrial, por exemplo, foi reduzido devido à alta inserção tecnológica que aconteceram nos últimos anos, enquanto o setor de serviços se expandiu. O mercado de trabalho se adequou às exigências da globalização e às relações de trabalho se precarizaram, fazendo com que aumentasse a ocupação por conta própria e a informalidade em geral, conforme informações do IPEA⁴ (2017).

Na complexidade das transformações que se processaram e permanecem em constantes mudanças no universo do mundo do trabalho, no âmbito as relações capitalistas modernas pautadas nos novos paradigmas da globalização com seus múltiplos desdobramentos socioeconômicos, novas estratégias de produção e reprodução do capital e novas configurações no mundo do trabalho, situando, por exemplo:

“[...] a terceirização, a flexibilização, a informalidade, a busca por mão-de-obra barata, o controle de qualidade, entre outras [...] colaboram para o aumento da precarização, da exploração do trabalho e do trabalhador brasileiro” (LIMA, 2004 p. 33).

As informações do IPEA (2017) reforçam o cenário em questão, expressando que em termos de ocupação (empregos formais) e desocupação (desempregados) no Brasil, além do crescimento da informalidade, vale ressaltar que, a situação de desemprego vem crescendo gradativamente, fazendo com que as pessoas passem para o trabalho informal, como tentativa de manutenção de renda, cujo último refúgio

⁴ Fundação pública federal, vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o IPEA é reconhecido por pensar o Brasil e por funcionar como um organismo de planejamento, pesquisa e assessoria do Estado brasileiro. O Instituto fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais para a formulação e o acompanhamento de políticas públicas e programas de desenvolvimento. Ver: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2645:catid=28&Itemid=23

é a informalidade, partindo assim para o empreendedorismo por necessidade. Nesse processo em que a informalidade e o desemprego se destacam no Brasil, como um processo estrutural crescente surgiu, também, à ascensão do empreendedorismo, que vem sendo fomentada através de política pública, como tentativa de minimizar o problema da inclusão social e da geração de renda.

A visão do empreendedorismo para as políticas públicas é tentar criar uma representação social no que se refere aos trabalhadores informais, visando compreender como deve ser tratada a informalidade dos empregos. Isso porque os trabalhos informais, não geram crescimento econômico local e com isso não há geração de tributos e desta forma, acontece uma exclusão social por parte do meio empresarial e também do Estado com esses empreendimentos informais. A possibilidade destes empreendimentos informais serem novamente incluídos no mercado formal de trabalho passa a ser através da simples formalização como microempreendedores individuais.

Essa mudança colabora na diminuição da informalidade e atua como processo de inclusão social deste trabalhador, até então desamparado. Como descrito por Caldeira (2012), a economia informal pode ensinar muitas lições ao mundo em crise, pois os países que encontrarem uma maneira de aproveitar essa forma espontânea de empreendedorismo estarão mais bem posicionados para criar uma democracia econômica e para crescer e prosperar. Neste sentido, é considerável as iniciativas de apoio para aplicar as potencialidades empreendedoras dos trabalhadores informais para gerar e dinamizar crescimento econômico, diminuindo as exclusões sociais do mundo do trabalho.

3. EMPREENDEDORISMO: PERCEPÇÃO DE OPORTUNIDADES

3.1 A cidade de Vitória no universo do mercado de trabalho

No cenário dos novos paradigmas das relações do trabalho neste século XXI, percebemos mudanças evidentes que atingem o mercado de trabalho, pois se notam sinais visíveis do processo contínuo de rompimento nas formas de trabalho, que criam incerteza e fragilização das relações profissionais, ampliando o universo social do desemprego/subemprego como um marco dos acontecimentos gerados pela nova dinâmica capitalista global. A sociedade passa por essas transformações enfrentando desafios sociais e econômicos diante da incerteza dos novos rumos, traçados pelo dinamismo de uma intensa integração econômica, expressa em um amplo processo de globalização, como eixo maior do capitalismo contemporâneo.

É sabido que o trabalho é um direito social, assegurado na Constituição Federal, e que tem por objetivo gerar prosperidade e crescimento ao trabalhador, suprindo suas necessidades básicas e de sua família. Com os novos direcionamentos do mundo do trabalho diante das mudanças que se desenrolam nas relações de produção capitalista, a oferta de empregos formais perde sua dinâmica tornando o mercado mais fragmentado e complexo. Essas particularidades atingem um universo muito amplo da classe trabalhadora, em todos os segmentos de trabalho. E assim o trabalho enquanto direito social, fundamental para a sobrevivência e promotor da dignidade humana, perde sua relevância no controverso mundo da precarização das relações de trabalho. E a prática do não cumprimento destes princípios, se manifesta na diferença social que passa a surgir mediante a falta de empregos dignos que possam contemplar as necessidades de trabalho em sua totalidade social⁵.

A evidência dos altos índices de desemprego em todos os segmentos sociais, em ritmo crescente e contínuo, tem ampliado a exclusão social e a desigualdade de forma muito expressiva, reforçando as necessidades de iniciativas empreendedoras que possam dinamizar o setor produtivo e as relações de trabalho. No Brasil assistimos a essas evidências com muita relevância, tornando-se fundamental que o

⁵ Sobre esta questão veja: SANTOS, Luiz Claudio dos. O trabalho como Direito Humano e Fundamental *in* Direito Constitucional do Trabalho. São Paulo: Ltr, 2015.

Estado e a sociedade, busquem desenvolver meios e alternativas para o aumento de fontes de trabalho, ampliando a oferta de emprego disponíveis, aliando a necessidade de maior capacitação das pessoas neste processo de mudanças dos paradigmas profissionais, a fim de acompanhar a demanda do mercado e conseguirem estabelecer uma autonomia empreendedora.

Esse novo paradigma de mercado que vem surgindo com um crescimento do desemprego e com a ausência de políticas públicas e sociais efetivas, auxiliam para que as novas iniciativas empreendedoras se estabeleçam equilibrando um pouco mais as atividades de trabalho formal, diminuindo a exclusão social do trabalho, e contribuindo, também, para uma menor desigualdade social.

No Estado do Espírito Santo não é diferente, pois o mesmo passou por mudanças estruturais profundas em sua história econômica ao longo das últimas décadas do século XX e início deste século, fazendo assim, com que a capital Vitória se adaptasse de acordo com as necessidades do mercado de trabalho.

As décadas de 60 e 70 foram marcadas com a grande transformação econômica do Estado, quando acontece o processo de modernização na economia, configurando uma desestruturação no setor agrário, assentado tradicionalmente na agricultura cafeeira/exportadora para a reestruturação de sua economia através de uma nova ótica de produção, apoiada na industrialização. A tradicional estrutura econômica agroexportadora começou a sofrer alterações, a partir dos anos de 1960, quando o Governo Federal coloca em prática o Plano de Erradicação dos Cafezais, abrindo no Estado capixaba, novas perspectivas de desenvolvimento econômico SIQUEIRA, 2010). Sobre essa questão Siqueira (2010, p. 80) diz o seguinte:

A partir de meados dos anos 70, tem início outra etapa do processo econômico, quando se concretizam as decisões de se implantar no estado os “Grandes Projetos Industriais de Impacto”, orientados basicamente para mercados externos, que vão proporcionar uma nova dimensão à economia do Espírito Santo e transformar radicalmente a estrutura produtiva estadual.

Mesmo com a evolução positiva dos indicadores econômicos em bases industriais, no âmbito do processo de modernização da economia estadual, registrada a partir da década de 70, de acordo com Siqueira (2010, p. 14)

“ [...] o processo de modernização/industrialização/urbanização seguiu um movimento muito desigual em relação à evolução dos indicadores sociais. Os impactos sociais negativos ganharam maior evidência na medida em que não foi considerada a reorganização da infraestrutura da região atingida, pensando no novo papel da aglomeração urbana”. “ [...] O crescimento econômico não gerou, na sua totalidade, um desenvolvimento integrado que promovesse benefícios para a população como um todo”.

Nesta contextualização, podemos observar que, mesmo com o avanço da dinâmica industrial, as limitações relativas às oportunidades de trabalho, na Região Metropolitana da Grande Vitória, vêm se configurando de longa data, podemos constatar que as iniciativas de empreendedorismo já se consolidavam em meio às novas atividades sociais de trabalho demandadas em função do movimento e encadeamento da industrialização/modernização/urbanização. Entendemos assim, que a necessidade de novas formas de frentes de trabalho geradoras de emprego e renda, não se configura apenas em momentos de crise, e sim na própria trajetória do processo de desenvolvimento.

A região de Vitória registra um movimento considerável de empreendedorismo com iniciativas de pequenas e médias empresas desde o final do século XX, contribuindo para o desenvolvimento econômico, ocupacional e social de uma ampla parcela de trabalhadores capixabas. De acordo com o SEBRAE ⁶(2014, p. 6-7) em âmbito geral nas cidades brasileiras,

O empreendedorismo vem crescendo muito no Brasil nos últimos anos e é fundamental que cresça não apenas a quantidade de empresas, mas sua participação na economia. [...] As Microempresas e Empresas de Pequeno Porte aqui denominada por Micro e Pequenas Empresas (doravante MPE) vêm adquirindo, ao longo dos últimos 30 anos, uma importância crescente no país, pois é inquestionável o relevante papel socioeconômico desempenhado por estas empresas.

As mudanças socioeconômicas desencadeadas, em função dos novos paradigmas do desenvolvimento do modelo de produção capitalista afetam a sociedade como um todo, e o mercado de trabalho fica impactado e fragilizado diante da rapidez, pela qual essas mudanças se processam. E as crises econômicas se incluem no

⁶ O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) é uma entidade privada sem fins lucrativos. É um agente de capacitação e de promoção do desenvolvimento, criado para dar apoio aos pequenos negócios de todo o país. Desde 1972, trabalha para estimular o empreendedorismo e possibilitar a competitividade e a sustentabilidade dos empreendimentos de micro e pequeno porte. Ver: http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/o_que_fazemos

âmbito das mudanças estruturais, contribuindo de forma muito expressiva para a situação de desemprego, bem como para a queda dos índices de oportunidades de trabalho formal. A crise do mundo do trabalho, nestas décadas iniciais do século XXI, gerou um elevado contingente de desempregados, onde o Estado do Espírito Santo se inclui, como apresentado pela última síntese de indicadores sociais do deste Estado em 2015, do Instituto Jones Santos Neves em Dezembro de 2016.

A População Economicamente Ativa (PEA) equivale ao quantitativo de pessoas em idade ativa que, ou procuraram emprego no período de referência da pesquisa ou estavam ocupadas. Geralmente, esta medida representa o quantitativo da força de trabalho de uma localidade. Em 2015, após registrar recuo em 2013 (-2,6%) e crescimento em 2014 (6,6%), a PEA alcançou o total de 2,05 milhões de pessoas e registrou novamente recuo de -3,3% em relação ao período anterior, com diminuição das pessoas do sexo feminino (-6,0%), da raça ou cor Preta / Parda (-4,9%) e residentes na zona rural (-7,0%). A maior variação da série ocorreu em 2014 (6,6%) e a menor aconteceu exatamente neste último ano, em 2015 (-3,3%). Analisando o perfil desta população em 2015, observa-se uma predominância de pessoas do sexo masculino (56,5%), principalmente da cor ou raça Preta / Parda (57,2%) e moradoras da zona urbana (84,9%). (IJSN⁷, 2016, p. 67).

As mutações apresentadas pelo cenário do mercado nacional, fez com que a região de Vitória também se adaptasse aos novos padrões das relações capitalistas no contexto dos mecanismos políticos, econômicos e sociais promotores das formas inovadoras do desenvolvimento contemporâneo. Neste contexto, as articulações econômicas do Espírito Santo ganham uma dinâmica mais acelerada, e a região de Vitória, na primeira década do século XXI (2000-2010) conforme a análise socioeconômica relacionada ao crescimento da região apresentou no período citado, uma participação da população no PIB (Produto Interno Bruto) e na renda do Estado, uma margem crescente de 46,4% em 2000, para 63,2% em 2010 (IJSN, 2013).

Nesse mesmo período, houve a ampliação das atividades de mineração, siderurgia e de atividades relacionadas à extração de petróleo, inclusive com a instalação da

⁷ Instituto Jones dos Santos Neves – IJSN, atua nas áreas sociais, econômicas e regionais do Estado do Espírito Santo, responsável por prover conhecimento, sendo centro de excelência na gestão de redes de informação, subsidiando as políticas públicas e o desenvolvimento sustentável do Estado. Ver: <http://www.acessoainformacao.es.gov.br/ijns/perguntasrespostas>.

sede da Petrobrás⁸ na capital. Essa ampliação aliada ao aumento da demanda e dos preços das *commodities* no mercado mundial impactou no avanço do PIB da região de Vitória, que teve sua participação elevada no Estado (LIRA *et al*, 2014).

Mesmo com essas ampliações e melhoras no mercado de trabalho capixaba, o cenário neste período não era positivo para o universo social da classe trabalhadora, permanecendo o mesmo cenário até 2016. Conforme dados do IJSN (2016), o número de desempregados aumentou, bem como diminuiu o índice de oferta de trabalhos formais.

A taxa de desemprego, ou taxa de desocupação, é calculada como a razão das pessoas de 15 anos ou mais de idade que estão procurando emprego na semana de referência da pesquisa pelo total de pessoas economicamente ativas. A taxa de desemprego é reflexo da taxa de ocupação uma vez que, somadas as pessoas ocupadas e as desocupadas tem-se o total de pessoas economicamente ativas. Entre 2014 e 2015, o total de desempregados no Espírito Santo passou de 138 mil pessoas para 218 mil pessoas, gerando um aumento da taxa de desemprego de 6,5% para 10,6% nesse período. Essa taxa registrada para o estado, apesar do aumento, ainda é inferior à observada na região sudeste (10,7%) e maior que a observada na média brasileira (9,6%). No Espírito Santo, em 2015, nota-se uma taxa bem maior de desemprego para a população feminina (14,3%) em relação à masculina (7,8%). No tocante à cor ou raça, o desemprego é consideravelmente maior entre as pessoas de cor ou raça Preta/Parda (13,4%) comparando-se com as de cor Branca/Amarela (7,0%) e, por fim, segundo a situação de domicílio, se observa uma aceleração bem maior do desemprego na zona urbana (12,1%) em relação à rural (2,3%). (IJSN, 2016, p.75).

Esses números representam uma situação gritante em relação a empregabilidade no Estado do Espírito Santo, mostrando a necessidade de mudanças governamentais que incentivem a geração de renda e a inserção social da população.

A formalização representa um fator importante para a qualidade do emprego, com os direitos e deveres do trabalhador garantidos pela legislação vigente. Nesta seção consideramos o grau de formalização apenas dos empregados, ou seja, desconsidera-se no cálculo do índice os autônomos, compostos pelos empregadores, conta própria e produtores para consumo próprio. Dessa forma, o critério adotado para formalização é a assinatura da carteira de trabalho. Na década dos anos 2000, o mercado

⁸ Petrobrás - Sociedade anônima de capital aberto que atua de forma integrada e especializada na indústria de óleo, gás natural e energia. Presentes nos segmentos de exploração e produção, refino, comercialização, transporte, petroquímica, distribuição de derivados, gás natural, energia elétrica, gás-química e biocombustíveis. Ver: <http://www.petrobras.com.br/pt/quem-somos/perfil/>

de trabalho nacional observou um forte aumento da formalização do emprego. No Espírito Santo isso não foi diferente, visto que, além do aumento de 214 mil trabalhadores formais nos últimos 10 dez anos houve diminuição de 131 mil trabalhadores sem carteira assinada. A série apresenta uma certa oscilação, com aumento do número de emprego informal em 2008, 2012 e 2014, sendo que neste último, o valor foi mais expressivo (42 mil). Mas em 2015 (-59 mil), o número de empregos informais subtraídos foi o segundo menor da série, perdendo apenas para 2011 (-66 mil). De 2005 a 2015, a redução da informalidade foi de -131 mil empregos. No estado, o índice de informalidade é maior na população feminina (29,7%), entre Pretos/Pardos (28,5%) e na zona rural (52,8%), cujo índice aponta que mais da metade dos empregados nesta área não possuem carteira assinada. (IJSN, 2016, p. 77)

E com a diminuição dos trabalhos formais, ou seja, os empregos de carteira assinada surgem com grande escala os trabalhos informais criados para atender às necessidades de renda e necessidades sociais.

Esses trabalhos informais surgem por falta de vaga no mercado de trabalho, por falta de qualificação profissional ou ainda, por excesso de qualificação profissional, fazendo com que atividades de trabalho informal cresçam de maneira acelerada mediante o mercado. De fato, devido ao crescente número de desempregados e trabalhos informais que surgem na grande maioria dos casos, as ações se voltam para alternativas de enfrentamento que buscam soluções mais rápidas de geração de rendas. As iniciativas empreendedoras nos princípios do empreendedorismo se incluem em um projeto mais abrangente e inclusivo, envolvendo ações empreendedoras por oportunidades, e não apenas por necessidade. Conforme documento do GEM (2013), tem predominado o empreendedorismo por necessidade, entretanto no sudeste do Brasil tem se destacado o empreendedorismo por oportunidade nos novos negócios que se organizam no país. Negócios voltados mais para geração de empregos e renda articulados na dinâmica do desenvolvimento local e do país.

Desta forma as iniciativas empreendedoras contribuem na diminuição do desemprego e dos trabalhos informais e conseqüentemente elevam a qualidade de vida, pela via de um trabalho gerador de uma renda mais satisfatória.

O Espírito Santo no conjunto geoeconômico dos estados do Sudeste, sua capital – Vitória, constituída por uma ilha “Ilha de Vitória”⁹, se destaca entre as capitais brasileiras pela qualidade de vida e dinâmica econômica voltada para as atividades industriais e portuárias, abrigando dois portos de grande importância no país, o Porto de Vitória e o Porto de Tubarão. “As indústrias mais importantes da capital são a Arcelor Mittal Tubarão (antiga CST) e Vale (antiga CVRD/Companhia Vale do Rio Doce). Esses portos, junto com vários outros do Estado, formam o maior complexo portuário do Brasil” (PMV, Vitória em Dados, 2016, s/p). A capital, que conforme dados do IBGE (2010) contava com uma população de 327.801 habitantes, integra juntamente com os municípios de Vila Velha, Cariacica, Serra, Viana, Guarapari e Gundão a Região Metropolitana da Grande Vitória. (PMV, 2016).

Sobre as características da cidade de Vitória, Lira *et al* (2014) destaca que:

Vitória em todas as classificações se posiciona no topo da lista dos centros urbanos capixabas. A polarização do desenvolvimento econômico na capital do Estado do Espírito Santo esteve presente em vários Planos de Governo ao longo do século XX. Contudo, não foi a execução do planejamento estadual que concentrou a atividade econômica em Vitória e no seu entorno. Esse processo remonta a organização da economia estadual entre o final do século XIX e a década de 1960 e, em certo sentido, o planejamento do território urbano metropolitano vem a posteriori, buscando responder aos efeitos sociais e urbanos das transformações econômicas. (LIRA *et al*, 2014, p.28).

A região de Vitória apresenta características similares as cidades mais desenvolvidas, quanto à questão da mão de obra, pois por se tratar de local com várias ocupações industriais, a qualificação para esse serviço é expressiva, ou seja, conta com um número elevado de pessoas qualificadas para atividades industriais e poucas vagas ofertadas. Rossana Mattos (2013) destaca que Vitória, em relação aos demais municípios da Grande Vitória, é o que possui menores proporções de pessoas sem rendimentos, sendo um espaço em sua maioria, de classe média alta e

⁹ Vitória constitui a principal ilha do município, agrega ainda várias ilhas menores no seu entorno e uma parte continental situada ao norte, totalizando uma área de 98,194 km. www.vitoria.es.gov.br/vitoriaemdados

alta, justificando assim, o excesso de mão de obra qualificada disponível na região. Em contrapartida, a admissão em ocupações que exigem pouca ou nenhuma qualificação, tais como, servente de obras, faxineiro, auxiliar de escritório, assistente administrativo, trabalhador de manutenção em edifícios, entre outras, registra um alto índice de procura por parte das empresas locais, porém para essas demandas as pessoas na grande maioria, não apresentam nenhuma qualificação.

3.2 Empreendedorismo como um novo desafio

A partir do pensamento de Schumpeter (1984) no desenvolvimento da sua teoria econômica, no âmbito do modelo capitalista, o empreendedor, é um inovador que de acordo com as oportunidades, busca agregar lucro e sucesso num conjunto socioeconômico mais amplo, ou seja: o empreendedor representa aquele que consegue converter uma ideia ou uma iniciativa de inovação, em uma inovação de sucesso, associando essa iniciativa a um processo de desenvolvimento socioeconômico. Ele seria o responsável pela criação e desenvolvimento de um produto ou de uma ideia produtiva e inovadora. Com as novas formulações apresentadas na economia global contemporânea, o empreendedor passou a ser fundamental para o crescimento e a lucratividade do poder econômico das empresas, das regiões e conseqüentemente dos países.

Neste sentido, o conceito se torna mais abrangente e passa a se relacionar à gestão, associado também, ao comportamento que potencializa a eficiência das organizações, com potencial de alcançar a liderança em negócios de forma autônoma, caso tenha características próprias de inovação e condições necessárias para isso.

No entanto, o que é sabido, é que mediante as crises temporais da economia, com destaque para a permanente crise que vem marcando as primeiras décadas do século XXI e que se alastra de forma globalizada, diante do contínuo crescimento do desemprego e do aumento do trabalho temporário, a postura do empreendedor se destaca como uma referência de, de recolocação e inserção de pessoas no mercado de trabalho, tornando o empreendedor peça primordial para a manutenção do capitalismo e do desenvolvimento econômico e social da sociedade.

Na conjuntura econômica predominante, neste século XXI, diante das fragilidades e das instabilidades enfrentada pelos países, os empreendedores se colocam como um novo fomento para desenvolvimento da economia, já que, estes não só abrem um pequeno ou um grande negócio, mas, que também, criam oportunidades de empregos e renda, contribuindo para o desenvolvimento social dependendo, das circunstâncias pelas quais vai se estabelecer este novo negócio. E as ações inovadoras bem posicionadas no contexto socioeconômico local vêm alterando positivamente o quadro da política de desenvolvimento econômico, mesmo que, na maioria das situações, atuando de maneira tímida, os empreendedores, alcançam algum tipo de incentivos pelas políticas sociais, como instrumento de redistribuição de renda e diminuição das desigualdades sociais.

Os empreendedores são heróis populares do mundo dos negócios. Fornecem empregos, introduzem inovações e incentivam o crescimento econômico. Não são simplesmente provedores de mercadorias ou de serviços, mas fontes de energia que assumem riscos em uma economia em mudança, transformação e crescimento. Continuamente, milhares de pessoas com esse perfil – desde jovens a pessoas adultas e de todas as classes sociais – inauguram novos negócios por conta própria e agregam a liderança dinâmica que conduz ao desenvolvimento econômico e ao progresso das nações. É essa força vital que faz pulsar o coração da economia (CHIAVENATO, 2008, p. 4).

Mas existem autores como, Paiva (2004), por exemplo, que faz uma crítica relacionada à concepção tradicional da ideologia do empreendedorismo, pois destaca que há nesse processo uma ênfase exagerada no perfil do empreendedor, já que, o que se apresenta em relação ao empreendedorismo, é uma imagem romântica e mitificada de um indivíduo portador de qualidades e habilidades excepcionais com papel de destaque no crescimento econômico, menosprezando tudo que foi realizado anteriormente, como se a partir dessa premissa fosse surgir um herói de todos.

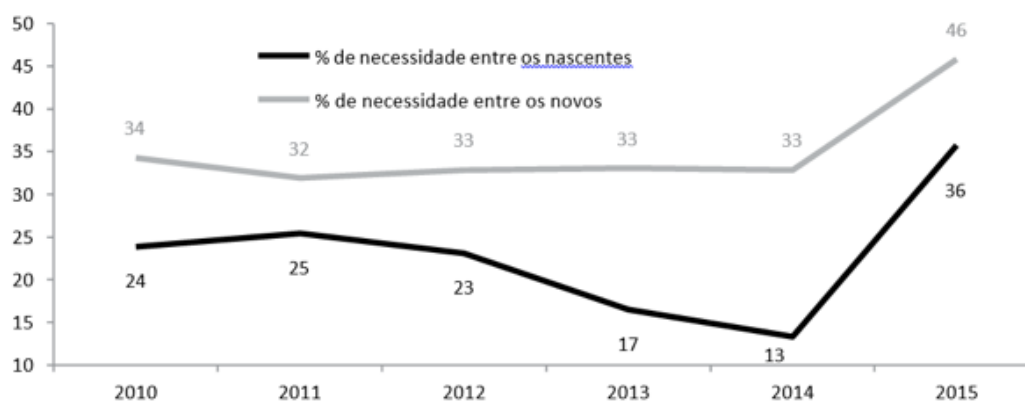
Mas, sabe-se que o empreendedorismo não deve atuar no sentido apenas de uma alternativa para a recuperação das crises vivenciadas pelos países, o princípio não é este. Nos momentos de crise, o empreendedorismo desponta como uma opção de oportunidade, principalmente para os mais fragilizados da sociedade, que através de programas de formação de empreendedores podem desenvolver habilidades e competências em prol de desenvolvimento da cultura empreendedora e da

superação das dificuldades em relação ao desemprego, criando alternativa e estratégias de sobrevivência na sociedade.

A organização denominada Global Entrepreneurship Monitor - GEM, criada em 1997, com o objetivo principal de explorar e compreender o fenômeno do empreendedorismo e o seu papel no processo de desenvolvimento e crescimento econômico das nações identificou desde o início de sua atuação que o empreendedorismo se distingue em duas vertentes principais: o empreendedorismo por oportunidade e o empreendedorismo por necessidade. E a partir desta distinção surgem suas ramificações.

No Brasil, a última pesquisa solicitada pelo SEBRAE em 2015, a pesquisa GEM notificou que o empreendedorismo por necessidade se destaca devido ao desemprego, e principalmente pela limitação de uma elevada parcela da população desempregada não possui condições de serem inseridas no mercado de trabalho por falta de qualificação.

Gráfico 1: Evolução da proporção do empreendedorismo por necessidade entre os empreendedores nascentes e novos - Brasil - 2010:2015



Fonte: Foi retirado da página GEM, Global Entrepreneurship Monitor. *Empreendedorismo no Brasil 2015*. [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/4826171de33895ae2aa12cafe998c0a5/\\$File/7347.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/4826171de33895ae2aa12cafe998c0a5/$File/7347.pdf). Acesso em 07 de Maio de 2015.

O gráfico acima demonstra, claramente, como é crescente a demanda de empreendedorismo por necessidade, isso demonstra como as necessidades existentes na sociedade tornam-se oportunidade de mercado, visando sanar situações de sobrevivência das pessoas devido a problemas econômicos e sociais.

O empreendedorismo precisa atuar com uma visão multidimensional tanto para conceber e orientar a criação de empresas quanto para fomentar o processo de formação de novos empreendedores, integrando características econômicas e sociais, juntamente com a capacidade de empreender estrategicamente, atendendo e desenvolvendo as necessidades socioeconômicas. Essa capacidade visa à sociedade de forma integradora e não mais apenas uma necessidade individual. (LAMOLLA, 1999).

Nesta concepção, o empreendedorismo pode ser considerado uma legítima ação voltada ao desenvolvimento do emprego formal, representando novos horizontes e nova visão metodológica do mercado de trabalho, tanto para os desempregados que almejam retornar ao mercado de trabalho, quanto para aqueles que não conseguiram ser incluídos neste mercado globalizado e capitalista.

A GEM (2015) defende que a inserção de novos empreendedores no mercado de trabalho deve enfatizar o desenvolvimento de confiança interpessoal, o associativismo, consciência cidadã em prol da integração social, a ética, o coletivismo, desenvolvimento sustentável e também e não menos importante a diminuição da exclusão social. São esses valores, considerando que a individualização e imperativos do mercado não podem excluir a revalorização da comunidade, dos valores solidários e das motivações coletivas que precisam ser compreendidos através da disseminação do empreendedorismo.

Porém, as condições impostas ao futuro empreendedor ainda são muito desfavoráveis e desafiadoras no Brasil, pois com o custo elevado do capital muitas vezes não é possível colocar em prática uma iniciativa empreendedora. As taxas de tributação, ainda, são consideradas elevadas ao novo empreendedor, ainda existem poucas capacitações para a gestão do negócio disponíveis como apoio e as políticas e programas dedicados ao fomento do empreendedorismo não são tão adequados à realidade do empreendedor.

A GEM (2015) discrimina em seu relatório, que os empreendedores necessitam de apoio financeiro, sem grandes burocracias quando estão iniciando seus

empreendimentos, que haja também mais políticas e programas de governos visando incentivar à atividade empreendedora em suas múltiplas feições. Destaca a importância da disseminação da cultura empreendedora através da educação e novas ações política, institucional e social que estabeleça um acesso econômico estável e estimulante a novos empreendimentos.

Com estas ações vigorando, será possível dizer que o empreendedorismo contribuirá de forma efetiva para o enfrentamento da crise econômica e social nacional e global e que os desafios encontrados pelos novos empreendedores serão mínimos mediante as possibilidades diversas que terão à sua disposição. Entretanto, embora reconhecendo que as condições necessárias para o implemento de ações empreendedoras no sentido de desenvolverem a disseminação da cultura empreendedora da forma mais coerente e próxima da realidade social do futuro empreendedor, estejam longe de serem solucionadas ou, até mesmo incrementadas com maior incentivo no Brasil, observamos que muitos empreendedores superam as dificuldades iniciais, e conseguem colocar em prática empreendimentos que abarcam os princípios clássicos do empreendedorismo.

4. FORMAÇÃO TÉCNICA E EMPREENDEDORISMO

4.1 As bases da formação técnica para o empreendedorismo: um entendimento no âmbito de uma política pública nacional

A formação técnica empreendedora deve ser estabelecida em prol das necessidades do mercado de trabalho, visando dinamizar com eficiência a educação empreendedora desenvolvendo a capacidade de lidar com as competências e habilidades das pessoas visando seu crescimento profissional. Partindo dessas premissas, a base de formação técnica do empreendedorismo precisa contribuir para o desenvolvimento da educação profissional e tecnológica, pois esse será o suporte inicial que vai fortalecer a visão produtiva desse futuro empreendedor, com uma postura mais profissional e, com capacidades mais definidas para ingressar no mundo das novas atividades de trabalho. Sobre o trabalho e a profissionalização, Moura, *et al* (2006), assim se refere:

O trabalho também se constitui como prática econômica, obviamente porque nós garantimos nossa existência, produzindo riquezas e satisfazendo necessidades. Na sociedade moderna a relação econômica vai se tornando fundamento da profissionalização. Mas sob a perspectiva da integração entre trabalho, ciência e cultura, a profissionalização se opõe à simples a formação para o mercado de trabalho. Antes, ela incorpora valores ético-políticos e conteúdos históricos e científicos que caracterizam a práxis humana. Portanto, formar profissionalmente não é preparar exclusivamente para o exercício do trabalho, mas é proporcionar a compreensão das dinâmicas sócio produtivas das sociedades modernas, com as suas conquistas e os seus revezes, e também habilitar as pessoas para o exercício autônomo e crítico de profissões, sem nunca se esgotar a elas (MOURA, *et al*, 2006, p.45).

A educação profissional e tecnológica em sua prática deve assumir a função de orientadora, motivadora e mediadora visando um processo de construção de novas ideias e novas possibilidades de negócio, estabelecendo entre o professor e aluno, dentro e fora de sala de aula, uma nova visão da cultura empreendedora, despertando, em todos, a capacidade criativa e autônoma para atuar de maneira mais ativa no mercado de trabalho.

Se pela formação geral as pessoas adquirem conhecimentos que permitam compreender a realidade, na formação profissional o conhecimento científico adquire, para o trabalhador, o sentido de força produtiva, traduzindo-se em técnicas e procedimentos, a partir da compreensão dos conceitos científicos e tecnológicos básicos que o possibilitarão à atuação autônoma e consciente na dinâmica econômica da sociedade. (MOURA, *et al*, 2006, p.47)

O autor reforça o sentido e a importância da formação profissionalizante como um investimento que valoriza o profissional, uma vez em que, o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo e exigente, fazendo com que o trabalhador tenha sempre um diferencial. E o processo de formação técnica serve para apresentar um olhar diferenciado em relação à construção de oportunidades, ou seja; atua como um instrumento de valor.

Sendo assim, todos nós precisamos estar atentas a que tipo de profissional que desejamos ser, precisamos estar abertos ao aperfeiçoamento e a qualificação constante independente de ser um empreendedor autônomo ou um empreendedor assalariado, devemos sempre procurar melhorar nossa atividade produtiva, buscando meios que podem propiciar a evolução profissional. Desta forma, a educação profissional e tecnológica precisa estar sempre com uma proposta atualizada, seguindo as tendências socioeconômicas predominantes na sociedade e, ao mesmo tempo, assimilar e atender as necessidades voltadas ao mercado de trabalho, ou seja, ao empreendedorismo e inovação.

O MEC ¹⁰através do Programa de Expansão da Educação Profissional – Proep¹¹, lançado em Janeiro de 2001, realizou uma adequação e consolidação nos princípios da educação profissional, propiciando uma autonomia maior de mercado para as escolas, ou seja, dando autonomia para que as escolas de educação profissional atendessem mais a demanda de mercado. Na publicação da 5ª. Edição deste texto legal, o Proep¹²

¹⁰ O Ministério da Educação - MEC, órgão da administração federal direta, tem como área de competência a política nacional de educação; a educação infantil; a educação em geral, compreendendo ensino fundamental, ensino médio, educação superior, educação de jovens e adultos, educação profissional e tecnológica, educação especial e educação a distância. Ver: <http://portal.mec.gov.br/institucional/historia>.

¹¹ “O Programa de Expansão da Educação Profissional – PROEP foi uma iniciativa do Ministério da Educação – MEC, em parceria com o Ministério do Trabalho e Emprego – MTb, que buscou desenvolver ações integradoras da educação e do trabalho, a ciência e a tecnologia, objetivando a implantação de um novo modelo de educação profissional, que proporcionasse a ampliação de vagas, a diversidade de oferta e a definição de cursos adequados às demandas do mundo do trabalho e às exigências da moderna tecnologia. (<http://www.educabrasil.com.br/programa-de-expansao-da-educacao-profissional-proep>). Acesso em 18 de agosto de 2017.

¹²(<http://www.educabrasil.com.br/programa-de-expansao-da-educacao-profissional-proep>). Acesso em 18 de agosto de 2017.

[...] considera que a verdadeira contribuição desta publicação é servir como incentivo aos educadores para que tenham êxito na implementação e na consolidação dos novos princípios da educação profissional do país. O Ministério da Educação sabe que é no ambiente escolar onde verdadeiramente ocorrerá a transformação que possibilitará às escolas de educação profissional responderem com agilidade e flexibilidade às rápidas e permanentes modernizações do sistema produtivo (Proep, apud BERGER FILHO, 2001, p. 5)

Na Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, foi apresentada as diretrizes e bases da Educação Nacional e logo no seu Art. 1º expressa a seguinte menção:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Na seção V, capítulo III, Art. 39, passa a dar abrangência à educação profissional apresentando o seguinte texto: A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.

E ainda, na mesma seção foi regulamentada em 14 de maio de 1997, a Portaria nº 646, dando mais autonomia a educação profissional para agir de forma mais autônoma e de acordo com a realidade do mundo do trabalho, como apresentado no Art. 41 – “O conhecimento adquirido na educação profissional, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos” (p. 8).

A partir desta perspectiva, as inovações pedagógicas e tecnológicas passam a ter uma grande importância no processo dentro de sala de aula, despertando o interesse e a curiosidade do educando rumo à construção de uma atividade profissional, apresentando o cotidiano do mercado e sua realidade. Esse acesso ao mercado de trabalho contribuirá e motivará o desenvolvimento do educando para as aulas proporcionando e construindo importantes projetos voltados à inovação, tecnologia e empreendedorismo. Educandos motivados podem produzir mais e melhor quando forem profissionais do mercado.

A educação profissional deve oferecer durante sua formação a oportunidade de desenvolver profissionais dinâmicos e inovadores e que os recursos de ensino-

aprendizagem possam proporcionar a esse educando e também cidadão, o sentimento de conquista dentro do mercado de trabalho, bem como a possibilidade de participar ativamente e de maneira concreta do desenvolvimento da sociedade como um todo.

Portanto, a educação profissional deve contribuir para o desenvolvimento do cidadão, visando características empreendedoras e inovadoras, preparando, capacitando e qualificando-o constantemente, auxiliando a concretizar suas metas criando nele uma autonomia e ética para alcançar os seus mais importantes objetivos de vida.

4.2 Centro Estadual de Educação Técnica Vasco Coutinho e o Curso Técnico em Administração e os direcionamentos para iniciativas de empreendedorismo

O Centro Estadual de Educação Técnica Vasco Coutinho é uma instituição de Educação Profissional criada para oferecer formação inicial e continuada a trabalhadores; e educação profissional técnica de nível médio a jovens e adultos, preferencialmente oriundos de Escolas Públicas, que buscam qualificação para possibilitar melhores chances de inserção no mercado de trabalho. (PPP, 2006, p.16.)

Conforme o documento do plano político pedagógico (PPP¹³) de 2006, elaborado para orientar as ações do Centro Estadual de Educação Técnica Vasco Coutinho, apresenta que ao oferecer através do curso Técnico em Administração, busca atender a demanda de qualificação profissional do segmento, com um foco empreendedor e inovador, atendendo objetivos como, dotar os alunos de formação geral e profissional, com um enfoque multidisciplinar, no sentido de atender às demandas do mercado nacional e internacional. Fomentando futuros profissionais com sólido embasamento teórico e prático para atuar de forma eficiente e eficaz nas organizações públicas, privadas, do terceiro setor e também e como empreendedor autônomo (dono do próprio negócio).

¹³ O Plano Político Pedagógico – PPP é um documento será como um mapa para que a instituição alcance seu potencial máximo, adequando-se ao contexto no qual está inserida e contribuindo para o crescimento e desenvolvimento de seus alunos. Ver: <http://aprova.com.br/saiba-o-que-e-o-projeto-politico-pedagogico/>.

O curso Técnico em Administração visa também, capacitar o profissional para saber gerenciar estratégica e sistemicamente a complexa organização empresarial, por meio do desenvolvimento de novos modelos de gestão e liderança empresarial, estabelecendo nele um espírito empreendedor e inovador, criando autonomia de trabalho e flexibilidade de mercado. Tornando esse futuro profissional criativo, determinado e seguro, para atuar em diversas ramificações de mercado.

O PPP (2006) mostra ainda, que o CEET Vasco Coutinho, através de seus cursos técnicos, proporciona aos seus alunos uma visão global do mercado de trabalho, e de forma pedagógica inseriram em seus 14 cursos profissionalizantes subsequentes, a disciplina de empreendedorismo, com o intuito de colaborar melhor com o aluno, visando prepará-lo mais adequadamente as demandas de mercado, e estabelecendo assim, profissionais conscientes da realidade socioeconômica local e conhecedores das vantagens competitivas do Estado do Espírito Santo.

Se a educação é considerada como um fator de mudanças, um dos principais instrumentos de intervenção na realidade social com vistas a garantir a evolução econômica e a revolução social, ela também desempenha função de formação de mão-de-obra. Ou seja, desempenha a tarefa de preparar para o trabalho influenciando, substancialmente, na criação de novos quadros de mão-de-obra com capacidades técnicas adequadas aos novos processos produtivos que o desenvolvimento introduz criando novos mercados de trabalho. (BRANDÃO, 1985, p.84)

Além do propósito empreendedor e inovador, os alunos dos cursos do CEET Vasco Coutinho têm uma formação voltada ao lado humanístico, tendo uma visão global que o habilite compreender o meio social, político, econômico e cultural em que está inserido e a tomar decisões em um mundo diversificado e interdependente.

Podemos perceber essas perspectivas no CEET (2006), onde o objetivo da Instituição é ofertar cursos que atendam às exigências do mercado e da sociedade e que possibilitem a qualificação, requalificação e profissionalização dos jovens e adultos que buscam melhores chances de inserção no competitivo mercado de

trabalho; desenvolver a formação do cidadão a respeito dos valores sociais, políticos e éticos no exercício da profissão, entre outros.

4.3 Uma amostragem de iniciativas de empreendedorismo pela via do Curso Técnico em Administração.

O curso Técnico de Administração do CEET Vasco Coutinho (Centro Estadual de Educação Técnica Vasco Coutinho) forma a cada semestre (Julho e Dezembro) aproximadamente 80 alunos, ou seja, por ano são aproximadamente 160 alunos formados. E para que este aluno concretize o curso e seja diplomado, ele precisa passar por três módulos com 400 horas, totalizando 1.200 ao final do curso e em cada módulo são ofertadas a este aluno, disciplinas conceituais e disciplinas práticas voltadas ao desenvolvimento empreendedor.

De acordo com as modalidades do curso, expressas no plano político pedagógico – PPP (CEET) 2006 e no plano de curso de Administração (2015), ambos aprovados pelo Conselho Estadual de Educação do Espírito Santo, no primeiro módulo do curso, o aluno começa a conhecer o que é o empreendedorismo, desenvolvendo nesta disciplina os conceitos e iniciando a análise de demandas de mercado, criando um plano de negócios, como se o mesmo fosse iniciar uma pequena empresa. Já no segundo módulo, o mesmo passa a trabalhar, em grupos, a disciplina prática denominada Projeto Inovador 1, em que nesta disciplina o aluno colocará na prática o plano de negócio iniciado no módulo anterior. Desta forma, os alunos descobrem como é trabalhar em grupo para formalizar uma empresa e produzir um produto real, negociando preço, marca, campanha de *marketing* e outras atividades da área, para assim, no final do módulo, em turma, escolherem de todos os grupos, apenas um produto para utilizar como produto da empresa do terceiro e último módulo.

Finalizando o terceiro e último módulo, terão a disciplina Projeto Inovador 2, onde a partir da escolha do produto do módulo anterior, concretizam uma empresa comercial, chamada de Miniempresa Estudantil, e nesta miniempresa, colocam em prática toda visão empreendedora aprendida nos módulos anteriores, produzindo, divulgando e comercializando produtos que eles mesmo fabricam.

O intuito desta dinâmica empreendedora é fazer com que estes alunos saiam do curso com uma visão mais autônoma de mercado, visando atuar tanto em empresas já existentes, quanto em formarem suas próprias empresas, além de saírem visando o lado social, trabalhando ações de responsabilidade social voltada para a sociedade como um todo.

A partir desta visão empreendedora e da importância que isso traz para o desenvolvimento do cidadão e do ser humano, compreendendo, principalmente que

Para que possamos oferecer uma educação profissional de qualidade de forma a atender não somente as classes desprovidas ou os excluídos da sorte é necessário desenvolver uma educação profissional que integre os conhecimentos científicos e tecnológicos ao trabalho e à cultura, de forma que o aluno compreenda os fundamentos científicos que sustentam uma ou outra técnica (SOUZA, 2010, p.36).

Buscamos desenvolver a pesquisa, tendo como universo de amostragem os alunos do curso Técnico em Administração do CEET Vasco Coutinho como exemplo prático, reforçando nosso embasamento teórico relativo ao tema discutido neste trabalho.

O perfil dos alunos que ingressam no Centro Estadual de Educação Técnica Vasco Coutinho são alunos oriundos de escolas públicas e privadas que não tem acesso ao Ensino Superior, ou que já tiveram e buscam novos caminhos profissionais. (CEET, 2006, p.16.)

A pesquisa aplicada para levantamento de informações para complementação deste trabalho foi aplicada para os 150 alunos do último módulo do curso Técnico em Administração (matutino, vespertino e noturno), da Escola de Educação Técnica Vasco Coutinho, contendo questões abertas para que pudéssemos observar as reais necessidades e realidades do sujeito que procura uma profissionalização. Foi fundamentada de forma qualitativa utilizando o discurso do sujeito coletivo¹⁴ e quantitativa com gráficos montados a partir das respostas similares, com o intuito de

¹⁴ É um método de análise de discurso que cria para uma dada pergunta uma resposta única mas que foi construída coletivamente. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ilustrar o anseio dos alunos ao término do curso, mostrando o que o curso proporcionou em relação ao empreendedorismo.

O anseio pelo estudo partiu das observações feitas em relação ao desenvolvimento dos alunos nos projetos de empreendedorismo propostos no curso Técnico em Administração do CEET Vasco Coutinho. Seguimos um modelo de investigação partindo do princípio de [...] todo objeto de estudo é uma criação subjetiva, onde “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 2000, p. 68). Entendendo a educação como um agente transformador pela via do conhecimento, e não apenas como uma via de transmissão de conhecimento. No contexto da sociedade na qual vivemos cada vez mais as relações sociais se intensificam ganhando novas configurações, e a necessidade do conhecimento se alarga diante da abrangência dessas novas modalidades. O processo social é participativo, dinâmico e contínuo e, como afirma CHIAVENATO (1997, p.23) “o ser humano é eminentemente social e interativo. Não vive isoladamente, mas em constante convívio e relacionamento com os seus semelhantes”. Assim a importância da educação como ação interativa e transformadora.

Buscamos interagir com os alunos neste trabalho, pela via da pesquisa de campo, onde o discurso do sujeito (no caso, os alunos formandos do curso técnico em administração do Centro Estadual de Educação Técnica Vasco Coutinho) nos conduziu para uma maior apreensão dos objetivos de nossa pesquisa.

A abordagem que norteia nosso tema partiu de observações pessoais, realizadas do decorrer das atividades de trabalho junto ao curso vinculado à educação profissional e tecnológica¹⁵, que permitiu observar as mudanças pelas quais os estudantes passam, quando desenvolvem um conhecimento associando estudos teóricos e educação profissionalizante. Principalmente quando através dos estágios, empregos e abertura de negócios próprios, o aluno vivencia uma nova realidade social. Observa-se que tais experiências contribuem muito para as mudanças que se processam na promoção de um conjunto de competências que modificam o sujeito,

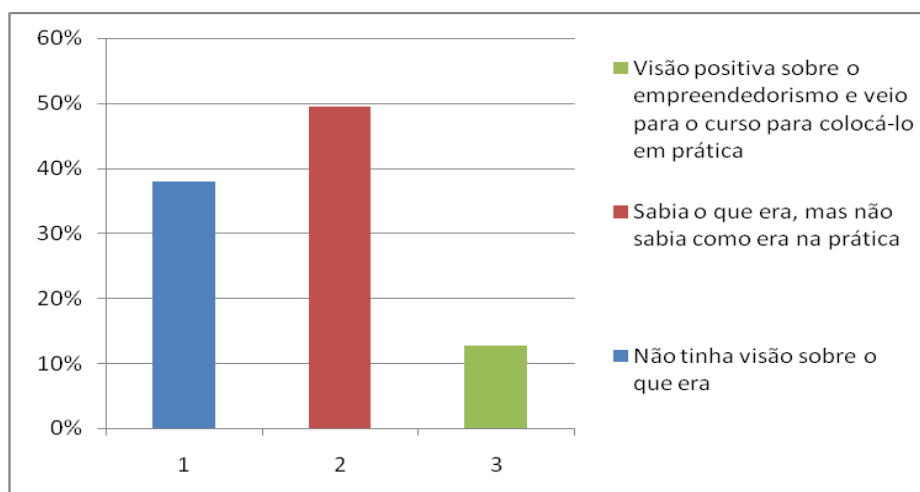
¹⁵ Atividades de trabalho como coordenadora e professora do Curso Técnico em Administração, voltado para inovação, educação profissional e trabalho, do Centro Estadual de Educação Técnica - Vasco Coutinho, Vila Velha/ES.

transformando a sua forma de relacionar-se com a escola, com os estudos, com a própria vida e com toda a sociedade.

A pesquisa de campo realizada através da técnica de aplicação de questionários, e alguns depoimentos dos alunos, gerou dados que propiciaram a verificação dos objetivos do trabalho, permitindo a estruturação deste capítulo final. Com as amostras coletadas foi possível uma construção teórica aliada as informações bibliográficas, que norteiam nosso debate em abordagem qualitativa, juntamente com os dados quantitativos apresentados na pesquisa. Os dados da pesquisa foram metodologicamente verificados, analisados e tabulados, buscando uma interação entre as variáveis relacionadas ao nosso objeto de estudo. Com esse segmento metodológico construímos os gráficos que expressam a realidade pesquisada, onde verificamos que as informações apresentam conformidade com a ideia central da pesquisa, transmitindo uma conexão no sentido de nossa abordagem, relativa à mudança de comportamento, perfil pessoal e profissional. Mudanças que promovem uma melhor qualidade de vida e interação social pela via da inserção no mercado de trabalho. Uma inserção mais abrangente aliada a dinâmica socioeconômica mais conjuntural, onde as características estão relacionadas ao empreendedorismo pela via conceitual que discutimos, e não apenas emergencial para resolver uma questão de desemprego temporário.

Seguindo a sistematização de nossa pesquisa de campo, a pergunta 1 de nosso questionário (em anexo), se relaciona aos contatos e, ou conhecimentos prévios relativos ao empreendedorismo antes do aluno iniciar o curso Técnico em Administração. Baseados nesta questão, 49,49% das pessoas responderam que não conheciam o empreendedorismo antes do curso, 37,88% que sabiam do que se tratava, mas não haviam colocado em prática nem sabiam praticar e 12,63% das pessoas, tinham uma visão positiva e já haviam tido algum resultado e vieram buscar mais conhecimento sobre o tema apresentado.

Gráfico 2: Conhecimento do Tema Empreendedorismo antes do início do curso Técnico em Administração



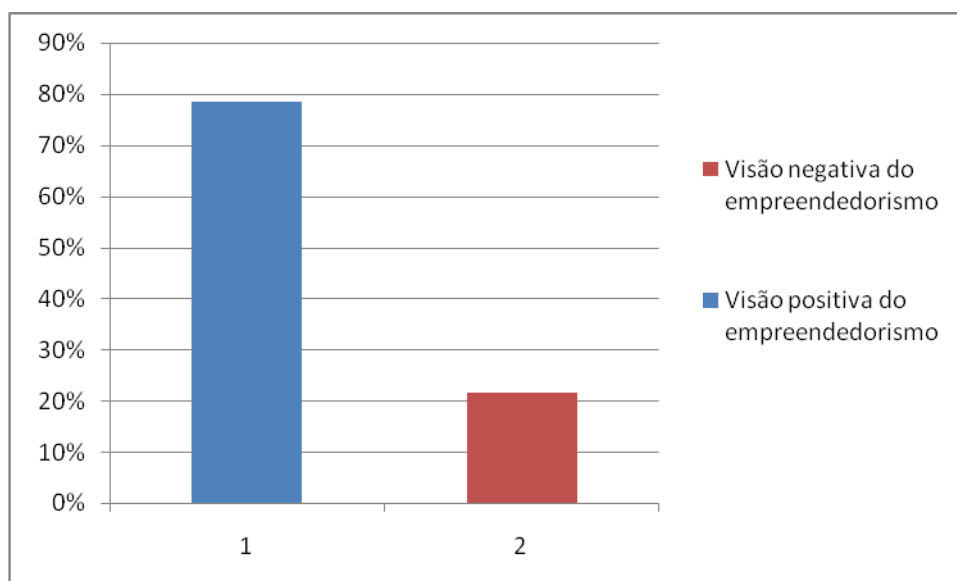
Fonte: Pesquisa de campo. 2017

Nesta questão, as informações apontam para visível expectativa na busca de algo novo, uma visão nova de mercado. A maioria das pessoas já sabem que o empreendedorismo pode proporcionar como iniciativa de entrada no mercado de trabalho, porém ainda não sabem como podem usufruí-la.

Dolabela(2008), discute este ponto no livro 'Oficina do Empreendedor' apontando a importância da disseminação do empreendedorismo iniciada nas escolas e nas instituições técnicas e superiores, pois desta forma, o sujeito passa a ter uma visão ideológica do empreendedorismo, uma visão empreendedora que contempla novos valores de integração social, de trabalho, de associação de novas tecnologias e de envolvimento social a partir de um entendimento mais ético e sustentável.

Na questão seguinte demonstrada no gráfico 3, foi abordado aos entrevistados qual a sua visão do empreendedorismo agora que estão terminando o curso Técnico em Administração, ou seja, qual a visão atual do tema, já que foram apresentadas e praticadas várias formas de empreendedorismo durante o curso. A partir desta questão apresentada 78,5% das pessoas disseram que veem o empreendedorismo hoje com grande valia para melhorar sua vida pessoal e profissional, e 21,5% das pessoas ainda não conseguem enxergar o empreendedorismo de forma útil e não conseguem aplicá-lo fora de sala de aula.

Gráfico 3: Visão do empreendedorismo após o término do curso Técnico em Administração



Fonte: Pesquisa de campo. 2017

Nesta parte do questionário aplicado, as respostas foram bastante semelhantes, pois todos entraram com uma expectativa e saíram completamente diferentes, sendo em sua maioria de forma muito positiva, como apresentado no depoimento abaixo:

Procurei o curso técnico de Administração porque havia uma necessidade de profissionais na área e também por ter um período menor do que uma faculdade. Antes do curso eu não havia uma profissão, era uma pessoa tímida e durante todos os períodos do curso fui aprendendo várias técnicas que me possibilitou driblar esta timidez. Hoje trabalho em uma distribuidora e sirvo de referência para outros funcionários pela pró-atividade, persuasão, entre outras coisas que o curso me proporcionou”, estou ainda tentando concretizar sonho da minha mão em abrir uma doceira. (Diego Silva Schuantz).¹⁶

Neste item foi questionado, como o empreendedorismo colaborou para o crescimento profissional desse aluno, sendo que a maioria das pessoas, 133 disseram que o empreendedorismo colaborou e colabora de fato para a vida profissional, incluindo não só em negócios próprios, mas também dentro das empresas onde atuam com carteira assinada. Como se trata de uma questão aberta, as maiorias das pessoas disseram que o empreendedorismo é essencial para a vida profissional, por ter características positivas, como autonomia, criatividade, determinação, trabalho em equipe, entre outras, como demonstrado nos

¹⁶ Diego Silva Schuantz (23 anos) aluno do curso Técnico em Administração. Centro Estadual de Educação Técnica. Vasco Coutinho – Vila Velha/ES. 3º módulo, Vespertino. Depoimento em 07 de Agosto de 2017.

depoimentos a seguir, onde inclusive o aluno destaca a importância da coordenação do curso na interação entre aluno, aprendizado e mercado de trabalho.

[...] antes de fazer o curso eu buscava empregos e mais empregos e todas às vezes sem muito sucesso pela grande exigência do mercado atual, com o Curso Técnico em Administração consegui visualizar a importância de se estar preparado para a competitividade, e o mais importante, consegui me preparar para essa tal competitividade. Com a disciplina de Projeto Inovador II, que envolve a miniempresa do CEET Vasco Coutinho, pude juntamente com meus colegas de turma, colocar tudo o que aprendemos realmente em prática e nos fez criar estratégias para driblar as divergências que ocorriam na miniempresa, era tudo como se fosse uma empresa de verdade, porém, não tinha registro, foi um trabalho muito bem realizado, e espero que permaneça por muitos anos essa ideia da mini empresa para as turmas futuras (Luan Cerqueira Pavesi¹⁷)

Quando estamos na fase de ensino médio, ficamos pensando o que faremos de nossa vida, como será o nosso futuro? Temos vários planos, várias ideias que acabamos ficando confusos com tantas possibilidades e comigo não foi diferente. Quando eu estava na reta final do meu terceiro ano, fiz o Enem, fiz o processo seletivo da UFES para matemática e passei na primeira fase – já que a segunda fase era ter coeficiente igual ou maior que cinco no primeiro semestre para continuar cursando em definitivo. Porém, havia me inscrito também para concorrer ao curso técnico de segurança do trabalho no IFES e Administração no CEET Vasco Coutinho. No primeiro, por poucos pontos não passei já no segundo fui aprovado e comecei o curso, acabei gostando bastante da qualidade do ensino que eu optei, por isso, desisti de concorrer no curso de matemática na UFES. Logo nos primeiros meses de 2016, quando comecei o curso, já consegui um estágio, onde permaneci até setembro 2016, uma semana depois já havia conseguido outro estágio, que durou até julho do ano seguinte, quando se encerrou o curso. Bom, começaria uma nova fase na minha vida, agora em busca de meu espaço no mercado de trabalho, mas o resultado foi rápido, dois meses após conclusão do curso, já estava empregado, exercendo tudo aquilo que o curso técnico me proporcionou e ensinou e agora estou abrindo a minha escola de reforço de matemática. (Lúcio Costa Araújo¹⁸)

Neste quesito, a ideia foi ir além do emprego e do mercado de trabalho, identificando a colaboração do empreendedorismo na vida pessoal destes alunos, se houve

¹⁷ Luan Cerqueira Pavesi (21 anos), aluno do curso Técnico em Administração. Centro Estadual de Educação Técnica. Vasco Coutinho – Vila Velha/ES. 3º módulo, Matutino. Depoimento em 07 de Agosto de 2017. O aluno agradece a coordenação do curso pelo encaminhamento ao mercado de trabalho e pelo compromisso com os propósitos do curso “ [...] permanecendo comprometida com o trabalho e com esse propósito de debater o empreendedorismo conosco.

¹⁸ Lúcio Costa Araújo (26 anos), aluno do curso Técnico em Administração. Centro Estadual de Educação Técnica. Vasco Coutinho – Vila Velha/ES. 3º módulo, Matutino. Depoimento em 07 de Agosto de 2017. O aluno também faz a seguinte referência “[...] Sou muito grato a vários professores que ali estavam quando mais precisávamos, a nossa coordenadora que sempre nos orientou dentro e fora de sala, e toda a equipe”.

alguma mudança neste âmbito. As respostas foram abertas, em que a maioria respondeu (136 pessoas) responderam que o empreendedorismo está sendo necessário para mudanças de atitudes na vida pessoal. Essa mudança inclui o amadurecimento de atitudes tendo como princípios a disciplina, o comprometimento, a persistência, a visão de futuro e a responsabilidade no âmbito das iniciativas empreendedoras. Na perspectiva destas questões (DOLABELA, 2003, p.29) ressalta que;

Empreender é um processo humano, com toda a carga que isso representa: ações dominadas por emoção, desejos, sonhos, valores, ousadia de enfrentar as incertezas e de construir a partir da ambiguidade e no indefinido; consciência da inevitabilidade do erro em caminhos não percorridos; rebeldia e inconformismo; crença na capacidade de mudar o mundo; indignação diante de iniquidades sociais. Empreender é, principalmente, um processo de construção do futuro.

No percurso da formação técnica profissional, a noção destes princípios vai se estabelecendo e desenvolvendo um aprendizado maior no sentido de uma construção mais sólida relativa as atitudes empreendedoras, contribuindo também para uma maior compreensão da importância social das relações de trabalho.

Tenho 20 anos, em 2016 comecei uma faculdade de Administração, junto com o curso Técnico em Administração no Vasco Coutinho no qual me formei no final de Julho de 2017, uma experiência que me ajudou e ajuda muito para minha vida profissional, trabalho no momento na Superintendência Regional de Educação de Vila Velha, no setor de Recursos Humanos, oportunidade que tive através de um estágio e três meses, depois fui contratado. Esse curso é oferecido pelo Estado, para estudantes de escola pública, que estejam no 3ª ano, ou que tenham terminado o ensino médio. Quando entrei no curso em 2010 estava no 3ª ano, hoje eu percebo que o curso foi fundamental para mim, pois pude perceber que tinha aptidão e gosto pelo curso, assim que terminei o ensino médio, continuei no curso técnico, e comecei o pré-vestibular, logo após consegui o estágio conforme supracitado. Foi uma correria estagiando, fazendo o curso técnico e também estudando para o vestibular, mas graças a Deus que me deu forças, e consegui conciliar as minhas atividades, me formei no curso, fui contratado no trabalho, o qual contínuo até hoje e ganhei uma bolsa de 100% na faculdade. Um pequeno passo que dei para entrar para fazer o curso, me motivou para conseguir o que tenho hoje, ainda sei que é muito pouco, pois tenho perspectivas altas, termina a faculdade, fazer uma pós-graduação e um mestrado. Mas ressalvo a importância do curso técnico que desencadeou toda essa história. Independente do curso técnico que pretende fazer, é uma oportunidade muito boa, facilita a entrada para o mercado de trabalho, mas, além disso, melhorou e muito a minha vida pessoal, me dando um direcionamento na vida, hoje tenho outra visão de tudo, o curso que possui essa visão empreendedora, colabora todo dia na minha faculdade quando discutimos temas relacionados

*e um dia pretendo ter meu próprio negócio e prosperar por conta própria.
(Renan Carlos da Silva¹⁹)*

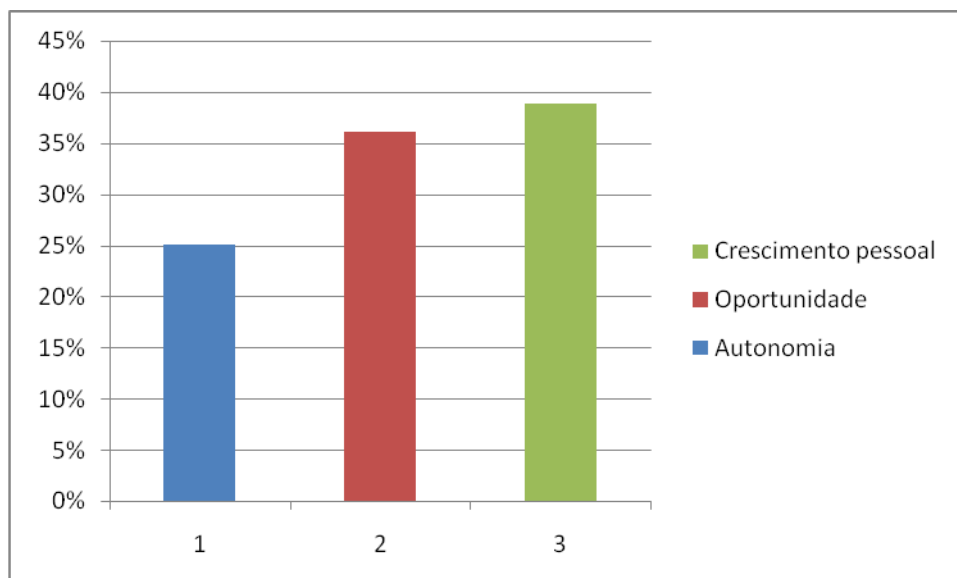
No depoimento dos alunos percebemos que este aprendizado vem firmando raízes, o que representa um fator de fundamental importância neste processo de ensino aliando educação profissionalizante e trabalho, uma vez em que fortalece princípios éticos norteadores do convívio social, desenvolvendo atitudes mais coerentes e mais solidárias no mundo do trabalho. E a permanência e o sucesso de uma iniciativa empreendedora perpassam pela prática de uma cultura ética no mundo dos negócios.

Quanto às características principais do empreendedorismo, solicitamos aos entrevistados que identificassem três características que o empreendedorismo lhe proporcionou ao longo do curso, tanto positivas, quanto negativas. O mais interessante neste item, foi o fato de que, embora em pergunta anterior do questionário, algumas pessoas tenham demonstrado uma visão negativa em relação ao tema, não alcançando ainda as possibilidades do empreendedorismo em direção a um processo de mudança pessoal, e ou, não conseguem ver como aplicar na vida prática, na sequência de nossas perguntas, neste ponto abordado, visualizado no Gráfico 3, todos apontaram uma característica positiva do empreendedorismo. As características mais citadas foram, a autonomia, com 25,6% das pessoas, oportunidade, com 36,12% das pessoas e 38,82% das pessoas com crescimento pessoal. Características, que aliadas ao conjunto de atitudes norteadoras que favorecem iniciativas empreendedoras, representam os elos fundamentais do empreendedorismo como estratégia de negócios.

Na visão do GEM (2015), a criatividade, a autonomia e a resiliência são citadas como características dos brasileiros que favorecem o empreendedorismo, mesmo em uma conjuntura marcada pela incerteza. Na opinião dos especialistas, há no Brasil amplo acesso a informação sobre negócios e empreendedorismo. Há conteúdo de qualidade gratuito disponível na internet, além de variados eventos e organizações de fomento e apoio ao empreendedorismo, o que tem contribuído para a disseminação do conhecimento, favorecendo a minimização de riscos do negócio;

¹⁹ Renan Carlos da Silva (33 anos), aluno do curso Técnico em Administração. Centro Estadual de Educação Técnica. Vasco Coutinho – Vila Velha/ES. 3º módulo, noturno. Depoimento em 07 de Agosto de 2017.

Gráfico 4: Principais características do empreendedorismo



Fonte: Pesquisa de campo. 2017

Procurei o curso técnico com o intuito de me adequar ao mercado de trabalho no qual havia falta de profissionais da área. Antes minha comunicação era ruim e não conseguia falar em público e não tinha profissão, aí, consegui me encontrar no curso, pois as práticas empreendedoras me mostraram as possibilidades de crescimento pessoal. Hoje, consigo falar em público e me desenvolver como pessoa, pois o curso de administração me ensinou isso. Através do curso consegui ser um diferencial, tanto em entrevista quanto no emprego. (Diana Silva Schuantz²⁰)

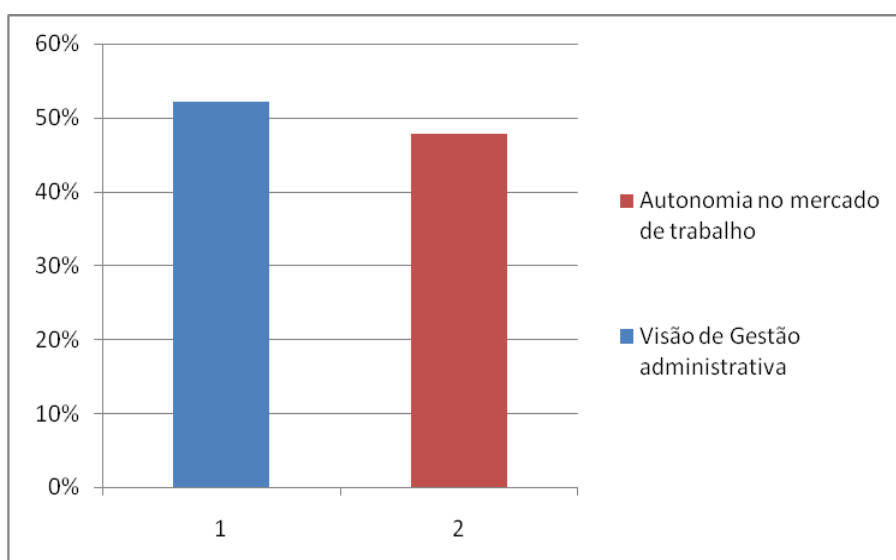
Entende-se, que a escola, como é uma organização que tem por finalidade o desenvolvimento de um conjunto de capacidades cognitivas, afetivas e psicomotoras, dentre seus papéis está o de desenvolver competências necessárias ao exercício da cidadania em atividades básicas, a exemplo do ato de ler e escrever, em que se propiciam estabilidade nas relações sociais e diminuem-se as desigualdades e as diferenças entre as pessoas. Todo esse conjunto formativo visa ao desenvolvimento da autonomia moral e intelectual dos sujeitos para a formação, cidadania e preparação para o trabalho (BRUNER, 2004). Ainda de acordo com o autor:

²⁰ Diana Silva Schuantz (19 anos), aluna do curso Técnico em Administração. Centro Estadual de Educação Técnica. Vasco Coutinho – Vila Velha/ES. 3º módulo, vespertino. Depoimento em 07 de Agosto de 2017.

A educação une o passado com o futuro. Comunica a herança cultural das gerações precedentes à luz das exigências do mundo de amanhã. O conhecimento transmitido pela escola expressa também este duplo movimento: resume um legado e antecipa possibilidades. (BRUNER, 2004, p.87).

O desenvolvimento de cursos direcionados ao mercado de trabalho, tanto para os que buscam uma qualificação ou atualização profissional, quanto àqueles que buscam uma formação e uma profissão, são um dos objetivos que a educação profissional técnica de nível médio oferece ao sujeito. Quem busca esta modalidade de ensino pode vir a ter uma percepção mais abrangente da mudança de paradigmas em relação à educação e a mudança de comportamento no mundo do trabalho favorecendo uma inserção com mais dignidade, competência e conhecimento. Desta forma, questionamos aos entrevistados, o que o curso Técnico em Administração proporcionou a eles durante o percurso, sendo as mais mencionadas, a ampliação da visão administrativa no mundo, com 52,20% das pessoas que responderam e com 47,8% das pessoas que disseram que a autonomia que passaram a ter no mercado de trabalho foi o que o empreendedorismo lhes proporcionou.

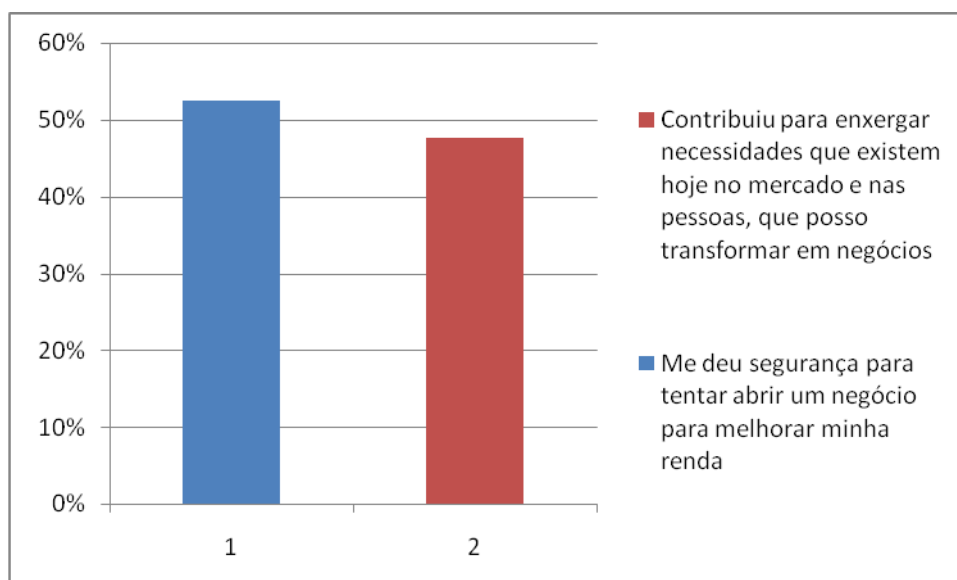
Gráfico 5: Capacidades empreendedoras proporcionadas pelo curso Técnico em Administração



Fonte: Pesquisa de campo. 2017

O último questionamento feito pela via da técnica de aplicação do questionário aos alunos foi como o empreendedorismo contribuiu para aumentar suas chances e inseri-lo dentro do mercado de trabalho. Essa questão representou o cerne de todo o questionário, já que todo o trabalho gira em torno da importância do empreendedorismo no mercado de trabalho e de como ele inseri o cidadão na sociedade. E nesta questão 52,41% responderam que o empreendedorismo deu segurança para tentar abrir um negócio para melhorar sua renda e 47,59% respondeu que o empreendedorismo contribuiu para enxergar necessidades que existem no mercado e nas pessoas, e que podem tornar um futuro negócio, demonstrando assim a eficácia do desenvolvimento do empreendedorismo como uma ferramenta de alavancagem social e econômica das pessoas e da sociedade.

Gráfico 6: Empreendedorismo como inserção no mercado de trabalho



Fonte: Pesquisa de campo. 2017

Gorz (2004) escreve que o mundo do trabalho exige dos trabalhadores um novo perfil para a inserção no mercado de trabalho. As organizações exigem dos sujeitos trabalhadores o despojamento de sua identidade de classe, de seu lugar na sociedade e de seu pertencimento à coletividade global. Em troca, o sujeito trabalhador ganha identidade empresarial, treinamento específico, posição social.

A condução da ação empreendedora no cidadão deve ser inserida com uma visão social e solidária apontando a importância do equilíbrio entre adequação e autonomia, entre o conhecimento e a prática, entre o individual e a sociedade, entre

a criatividade e a reprodução, entre o saber de si e saber coletivo, de seus limites e seus diferenciais, atendendo às necessidades de todos e não apenas individual. Para isso, existe o processo de formação e qualificação voltada para o empreendedorismo, promovendo um diálogo da subjetividade, da cultura, do econômico e do social, sempre de maneira inovadora e sustentável.

Assim fica claro identificar como a visão empreendedora e seu processo de inserção, tornam-se uma importante ferramenta de construção e auxílio para o desenvolvimento social e econômico das pessoas e também da sociedade, pois contribuiu para a sobrevivência e crescimento de todos no mercado capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta pesquisa foi o de compreender a importância do empreendedorismo na dinâmica capitalista, destacando esse instrumento como um agente de mudanças pessoais e sociais, e promotor de inserção social para uma ampla parcela da população. Destacamos que mesmo durante o momento de crise econômica e social vivida por muitos países, incluindo o Brasil, o empreendedorismo pode colaborar para o processo de aprimoramento da sociedade, seja no âmbito econômico ou no social, sempre de forma integrada. É sabido que o empreendedorismo não representa a única ferramenta e nem a solução definitiva para melhorar ou promover a economia de um país, mas é uma ferramenta positiva, que desempenha um importante papel na integração do desenvolvimento local, regional e nacional.

No âmbito do nosso tema buscamos identificar as possibilidades de promoção do desenvolvimento das pessoas com habilidades empreendedoras e sua inclusão na sociedade pela via do empreendedorismo, alcançando uma integração mais abrangente no processo socioeconômico predominante.

De acordo com o nosso objeto de estudo neste trabalho, aliado ao debate teórico, conceitual e procedimento metodológico aqui desenvolvido, foi possível observar, principalmente através dos resultados da pesquisa de campo, uma correlação entre esses segmentos, com dados que ancoraram nosso debate teórico, dando um fundamento mais sólido aos nossos argumentos conceituais. Na conceituação do empreendedorismo partimos dos princípios Schumpeter (1984-1997), com uma visão mais ampla, destacando o empreendedorismo como um instrumento dinâmico no processo de desenvolvimento econômico aliando inovação nas iniciativas empreendedoras e, agregando trabalho e renda de forma continuada no avanço positivo das novas atividades. Desta forma, percebemos as possibilidades deste processo promover a inserção social de muitas pessoas pela via de um trabalho formal mais estruturado, e não apenas emergencial.

Com esse entendimento, conduzimos nossa pesquisa e os dados da pesquisa de campo indicam que é possível considerar esse conceito neste momento de crise vivenciado nestas primeiras décadas do século XXI. O que queremos dizer, é que o

empreendedorismo não deve ser visto apenas como uma iniciativa para resolver problemas emergências e ou eventuais de crises de desemprego sem uma base sólida aliada ao processo de desenvolvimento socioeconômico predominante.

Como demonstrado na pesquisa de campo realizada, onde as pessoas que se apropriam do aprendizado empreendedor, estabelecem capacidades de autonomia e de crescimento pessoal e produtivo em prol do bem comum. O impacto causado pelo processo empreendedor gera um crescimento não só econômico, mas também social. As necessidades de atender as oportunidades oriundas do mercado estão fazendo com que as pessoas comecem a mudar o rumo econômico de um país.

Como já falado anteriormente por Chiavenato (2008), onde mostra de a partir dos empreendedores, acontecerá a geração de empregos, o surgimento de novas inovações e o incentivo ao crescimento econômico, fazendo assim, com que o papel do empreendedor passe a ser de um herói popular. Essas palavras do autor são demonstradas nos resultados da pesquisa, já que não houve críticas negativas em relação ao empreendedorismo no mercado de trabalho. Todas as avaliações trouxeram aspectos relacionados ao desenvolvimento das pessoas que atuam de forma empreendedora, mostrando que essa característica se tornou crucial e necessária para atuarem no mercado capitalista existente. A ação iniciada pelo fenômeno do empreendedorismo deve ser uma das bases de um país e o agente empreendedor deve ser sempre um protagonista neste processo, não trabalhando a sua individualidade, mas sim a coletividade, atuando tanto no âmbito convencional ou tradicional quanto no social.

O mercado de trabalho precisa ter uma metodologia de organizar e gerir todo processo produtivo, resultando assim na diminuição do desemprego e nas relações de trabalho. Promovendo desta forma, a autonomia do trabalhador e minimizando ao máximo a ameaça constante do desemprego. E além de conseguir integrar o sistema produtivo às necessidades sociais de um país, fazendo com que assim ocorra o crescimento econômico e o social. Ainda de acordo com a pesquisa realizada, vemos a mudança de paradigma dos alunos do curso Técnico em Administração, pois antes de iniciarem o curso não tinham muitas perspectivas em relação ao empreendedorismo no mercado de trabalho e após o término essas

perspectivas se inverteram, demonstrando claramente a importância do mesmo no seu crescimento profissional.

O discurso do empreendedorismo e de muitos autores defensores do tema em questão propõe que isso seria a solução para que Estados e trabalhadores atendam às necessidades e exigências relacionadas à competitividade da globalização econômica, mas sabe que isso não resolve tudo sozinho. O Estado precisa ser apenas parceiro em todo processo em torno do capital, trabalhando em relação aos incentivos fiscais e financiamentos, para atrair o capital produtivo externo. Por fim, é preciso que as políticas públicas relacionadas aos incentivos fiscais e tributação, além da educação voltada à cultura empreendedora sejam ações primordiais para que promova o empreendedorismo como uma ferramenta indutora da prosperidade econômica, funcionando como uma base para o desenvolvimento econômico eliminando assim com a dúvida do desemprego.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Darlan. *Desemprego ainda deve subir mais em 2017, antes de começar a cair*. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/desemprego>
Acesso em 24 de maio de 2017.

ALBUQUERQUE, Ana Paula Freitas de. O mundo do trabalho na era da globalização. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, X, n. 40, abr 2007. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br>. Acesso em 30 de maio de 2017.

BOFF, Leonardo. *Taxa de desemprego ampliado no Brasil é de 21,2%, quase o dobro do índice oficial*. *Jornal do Brasil*. Disponível em: <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2017/01/23>. Acesso em 30 de maio de 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRUNNER, Joaquim José. Educação no encontro com as novas tecnologias. In: TEDESCO, Juan Carlos (Org.). *Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?* São Paulo: Cortez, 2004.

BUENO, José Lucas Pedreira. *O empreendedorismo como superação do estado de alienação do trabalhador*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2005. Disponível em: www.repositotio.ufesc.br. Acesso em 18 de agosto de 2017.

CALDEIRA, Ilton. *Economia informal pode ensinar muitas lições ao mundo em crise*. Disponível em: <http://economia.ig.com.br/empresas/comercioservicos>. Acesso em: 24 de maio de 2017.

CHIAVENATO, Idalberto. *Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilização de novas empresas: um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio*. São Paulo: Saraiva, 2008.

_____, Idalberto. *Recursos Humanos*. 4 ed. São Paulo: Atlas, pp. 75-94, 1997.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CEET, Vasco Coutinho. *Plano do Curso Técnico em Administração*. Espírito Santo: Vila Velha, 2015.

CEET, Vasco Coutinho. *PDE: Plano de desenvolvimento escolar*. Espírito Santo: Vila Velha, 2006.

CEET, Vasco Coutinho. *PPP: Plano Político Pedagógico*. Espírito Santo: Vila Velha, 2006.

CHESNAIS, François. A globalização e o curso do capitalismo no fim-de-século. In. *Economia e sociedade*, Campinas, v. 4, n.2, dez 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br>. Acesso em 14 de Maio de 2017.

_____. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1997.

DOLABELA, Fernando. *Pedagogia empreendedora*. São Paulo: Editora Cultura, 2003.

_____, Fernando. *Oficina do Empreendedor*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

_____, Fernando. *O segredo de Luísa*. São Paulo: Cultura, 1999.

DORNELAS, José C. *Planejando Incubadoras de Empresas*. Como desenvolver um plano de negócio para incubadoras. Rio de Janeiro: Campus, 2010.

DUARTE, Maria Flávia Diniz Bastos Coelho. *Educação e Empreendedorismo social: um encontro que (trans) forma cidadãos*. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação-Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local. Centro Universitário UNA. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.mestradoemgsedl.com.br>. Acesso em 20 de agosto de 2017.

DRUCKER, Peter. *O Gestor Eficaz*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

FILION, L. J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. In: *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 39, n.4, Out/Dez 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf>. Acesso em 12 de dezembro de 2016.

FILHO, Ruy Leite Berger. *Educação Profissional: Legislação Básica*. MEC, 2001.

FREIRE, Paulo. Desafios da educação de jovens e adultos ante a nova reestruturação tecnológica. In: *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

FRIEDMAN, M. *Capitalismo e Liberdade*. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Economistas), 1984.

GEM, Global Entrepreneurship Monitor. *Empreendedorismo no Brasil 2015*. Disponível em: http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.pdf. Acesso em 07 de Maio de 2015.

GORZ, A. *Misérias do presente, riqueza do possível*. São Paulo: Annablume. 2004.

GOUVEIA, T.B, *A demanda empreendedora e o trabalho imaterial na construção da subjetividade do “empreendedor”*. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2006.

HISRICH, R. D., & PETER, M. P. *Empreendedorismo*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

IJSN. Mercado de Trabalho no Espírito Santo: PNAD Continua (terceiro trimestre de 2016). Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/assuntos/pnad>. Acesso em 23 de julho de 2017.

IPEA. *Ipeadata Social: mercado de trabalho*. Disponível em: <http://ipeadata.gov.br/Default.aspx>. Acessado em 30 de Maio de 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAMOLLA, Laura. *La capacidad de emprender- el rol de los emprendedores em el desarrollo. A propósito de la lectura de Disclosing New Worlds*. Instituciones y Desarrollo, n.3, abr, 1999.

LASTRES, Helena; ALBAGLI, Sarita. *Informação e globalização na era do conhecimento*. Rio de Janeiro. Campus, 1999.

LEITE, E. *O Fenômeno do Empreendedorismo*. Recife: Bagaço, 2003.

LIMA, Ângela Maria de Sousa. Os impactos da globalização no mundo do trabalho. *Terra e Cultura*, Ano XX, Nº 39, p.32-49. 2004. Disponível em www.unifil.br/docs/revista./terra-cultura. Acesso em 30 de maio de 2017.

LIRA, Pablo *et al.* *Vitoria: Transformações na ordem urbana – Metrôpoles: Território, coesão social e governança democrática*. Observatório das metrópoles, 2014.

MANZONI, M. (coord.) *Inovação e sustentabilidade na cadeia de valor*. Fundação Getulio Vargas, Centro de Estudos em Sustentabilidade, São Paulo, 2012.

MATTOS, Rossana. *Expansão urbana, segregação e violência: um estudo sobre a região metropolitana da Grande Vitoria*. Edufes, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo. Expressão Popular, 2009.

_____. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*. São Paulo: Boitempo. 2004.

_____. *O capital*. Volume II. São Paulo: Boitempo. 2014.

MOURA, D. H. e CAMELO, G. L. P. *Interfaces legais, políticas, pedagógicas e administrativas na trajetória do CEFET-RN*. Natal: mimeo, 2006.

NAIGEBORIN, Vivianne. *Introdução ao Universo dos Negócios Sociais*. Disponível em <http://www.artemisia.org.br/conteudo/noticias>. Acesso em 25 de junho de 2016.

PAIVA, JR. F. G. *O empreendedorismo na ação de empreender: uma análise sob o enfoque da fenomenologia sociológica de Alfred Schütz*. Tese de doutorado em Administração. Centro de Pesquisa e Pós-graduação em Administração. Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA-PMV. *Vitória em dados*. 2016. Disponível em: www.vitoria.es.gov.br. Acesso em 28 de junho de 2017.

SCHUMPETER, Joseph Alois. *Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico (Os economistas)*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

_____. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas –Unidade de Gestão Estratégica – *UGE Participação das Micro e Pequenas Empresas na Economia Brasileira*. Brasília, 2014. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br>. Acesso em 28 de maio de 2017.

SIQUEIRA, Márcia Smarzaró. O debate sobre a questão social. In: SIQUEIRA, Maria da Penha S. (Org.). *Sociedade e pobreza*. Vitória: UFES, 2006. p. 43-55.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. *Industrialização e empobrecimento urbano: o caso da Grande Vitória – 1950-1980*. Vitória: Grafitusa, 2010.

_____. Os grandes projetos industriais: desenvolvimento econômico e contradições urbanas. In: SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró (org.). *Desenvolvimento brasileiro: alternativas e contradições*. Vitória: Grafitusa, 2010. p.13-38.

SOUZA Carlos Eduardo G. de. *Desempenho das Empresas Egressas de uma Incubadora Comparativamente a Empresas Similares*. 2001. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

TEIXEIRA Narah Cristina Maia. Capitalismo contemporâneo e os impactos no mundo do trabalho. *Revista Trabalho e Sociedade*. Fortaleza, v.2, n.2, Jul/Dez, 2014. p.21-42. Disponível em: <http://www.ratio.edu.br/dados/trabalhosociedade/revista>. Acesso em: 22 de junho de 2017.

VITÓRIA, Prefeitura Municipal. *Perfil Socioeconômico*. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/perfil.asp>. Acesso em 17 de julho de 2017.

WEBER, Max. *A ética Protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

YUNUS, M. *Yunus Negócios Sociais*. Disponível em: <http://www.yunusnegociossociais.com>. Acesso em 12 de Setembro de 2016.

ANEXO

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO CURSO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

Pesquisa para levantamento de informações para complementação da dissertação: Empreendedorismo como um caminho para a inserção social, aplicada para os alunos do último módulo do curso Técnico em Administração, da Escola de Educação Técnica Vasco Coutinho.

1. Qual era sua visão em relação ao empreendedorismo antes de iniciar o Curso Técnico em Administração?

2. Qual a sua visão do empreendedorismo, próximo ao término do Curso Técnico em Administração?

3. O Empreendedorismo colaborou para o crescimento da sua vida profissional? Justifique sua resposta.

4. O Empreendedorismo colaborou para o crescimento da sua vida pessoal? Justifique sua resposta.

5. Identifique 3 (três) características que o empreendedorismo lhe proporcionou ao longo do curso. Pode ser características positivas e/ou negativas.

6. O que o curso Técnico em Administração lhe proporcionou durante o seu percurso?

7. Como o empreendedorismo te auxiliou na inserção do mercado de trabalho?